Ano XXV — Lisboa, Março de 1969 — N.º 287

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com "o Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs.: Redacção 63 66 07 — Administração 63 88 49 • Comp. e imp.: Livraria Cruz — Braga

O 25.º ANIVERSÁRIO DE «SEMPRE PRONTO»

PROGRAMA DE COMEMORAÇÕES

«Sempre Pronto» está no 25.º ano de publicação, aniversário que se comemorará no dia 1 de Janeiro do próximo ano.

Desejando assinalar devidamente esta significativa etapa da vida do jornal, foi já delineado um programa de comemorações, do qual destacamos os actos mais salientes.

CONCURSO DE DESENHOS INFANTIS

Especialmente dedicado aos lobitos e fadinhas, mas podendo também participar todos os meninos e meninas de 6 a 10 anos de idade, vai este jornal promover um concurso de desenhos infantis, que será encerrado no fim do mês de Maio, a fim de permitir o aproveitamento das férias da Páscoa.

No próximo número será publicado o regulamento do Concurso e, entretanto, pedimos a todos os mais jovens leitores do nosso jornal para se prepararem para a grande prova artística, que vai ser dirigida por uma equipa escoteira especialmente qualificada para estes trabalhos. Pedimos a todos os Chefes de Grupo para apoiarem esta iniciativa de forma a que ela possa encontrar o melhor acolhimento entre os lobitos e fadinhas.

Para este concurso precisamos de alguns prémios. Entre as casas comerciais geridas por antigos escoteiros haverá quem nos queira ajudar?

EXCURSÃO CULTURAL

No próximo mês de Junho, promoveremos uma excursão em autocarro, com vista a reunir antigos escoteiros, escoteiros e amigos do nosso jornal, nos moldes de actividades similares que já temos reali-

Continua na pág. 4

A MEMÓRIA, A HISTÓRIA, O TEMPO

Pelo Rev. EDUARDO MOREIRA

A História é... (afinal vou começar por ela esta minha conversação com os desejados leitores). Pois a História é... o quê? O que já era para os Gregos, sem tirar nem pôr; e assim passou aos Romanos: pesquisa, relato, informação, narrativa, evocação, seja ela, nos seus propósitos, subjectiva, neutra, lógica, objectiva; ou tendenciosa e parcial. Porque pode ser, e tem sido, tudo isto conforme os empreiteiros que utilizaram os seus materiais.

Quem quiser fazer a «História das histórias», terá pano para mangas, como se costuma dizer, mas mete-se numa camisa de onze varas, como também se dizia quando ainda se não media a metro. Mas não há aqui lugar para tão largas ensanchas, nem para tal me arrogo capacidade. Sempre me contentei em cortar a roupa conforme o pano que tenho.

Uma tal obra envolveria a crónica-crítica desde Moisés e Esdras, Xanto e Xenofonte, Tito Lívio e Plutarco, e Flávio Josefo até aos compromissos de Bossuet e Gibbons e à grandeza ambiciosa dos Guizot, dos Cantu e dos Macauley.

Para os meus leitores mais jovens, se os tenho, lobitos e companhia, eu gostaria de escrever capítulos como estes: «Em tempos que já lá vão...», «era uma vez...», «como ia dizendo...». Porque a História busca os começos para enveredar pelos prolongamentos e ligações, encruzilhadas e desvios; amplia, compara, deduz, evoca, pinta e retrata. E corrige! Desde que é verdadeiramente honesta, firma-se nos documentos autênticos e em testemunhas fidedignas, e daí infere suas ilações e tira suas conclusões.

No Brasil sentiu-se a necessidade de separar a narrativa escorreita onde o autor se submete à realidade de que tem consciência, daqueloutra narrativa onde se dá largas à imaginação, em combinação de supostos factos, possíveis ou não, mas como se reais fossem. A isto chamam *estórias*. Nós com a pecha retardadora do peso das tradições, desde que cantámos a «flor do verde pino» receamos ir tão depressa. Mas lá iremos. A arte poética, que se julga com menos responsabilidades ou usa de mais audácia, está trazendo da banda de lá do Atlântico muitas novidades. O que é chocho cairá por si, e o tempo fará a escolha.

Mas deixemos agora as «estórias» e vamos ao que Herculano chamou a «mestra do futuro». O que ela é também é a *memória* dos povos e dos respectivos países. O seu registo desprende-se do *tempo*. Até se usa em muitos casos o «presente histórico», como neste exemplo que vos ofereço em primeira mão: Camões *dá-nos* a convalescença da psicopatia inquisitorial e sebastianista; Herculano *põe* a saúde ao nosso alcance».

Notemos que o *presente* está num *povo* e num *país*, mas o *passado* que se lhes liga prepara as *pátrias*. Fraco povo será aquele que o não sinta!

*

Deu origem a estes meus modestos pensamentos o aparecimento duma «História Paralela dos Estados Unidos e da U. R. S. S.» ante-intitulada «Os Dois Gigantes», saída da pena de dois escritores franceses de segura fama, André Maurois e Louis Aragon. A dos E. U. A. está completa em 4 volumes e a da Rússia vai no primeiro, ou seja o 5.º. As «Publicações Europa-América» esmeraram-se na apresentação gráfica, digna duma obra que muito ajudará os estudiosos.

É certo que parece bastante cedo para assentarmos definitivamente nas conclusões, mas não o é tanto para recolhermos a notícia dos factos. Diz o velho prolóquio: «em tempo de guerra / mentira como terra», mas creio podermos juntar-lhe: «ao voltar a paz / a verdade saberás». A paz

Continua na pág. 6

O BOM HUMOR DE BADEN-POWELL



Uma das facetas mais salientes do carácter de B.-P. é, sem dúvida, o bom humor de que deu vastas provas, às vezes em contingências nas quais certamente não seria de prever tal atitude. Pode dizer-se, até que o bom humor foi das armas poderosas, por ele usadas, para compreender e interpretar o espírito da gente nova e por ela ser compreendido e apreciado.

Tal estado de espírito contribuiu, assim, decisivamente para o êxito da carreira do Fundador e do seu método educativo, de tal sorte que o optimismo se tornou um dos caracteres mais relevantes do perfil do escoteiro.

Pois bem. São inúmeros os episódios, as anedotas, as sentenças e desenhos de B.-P. que ganharam foros de históricos, muitos deles constituindo verdadeiros protótipos da arte de dominar situações pouco agradáveis, apenas mercê da acção tonificante de um oportuno comentário prenhe de optimismo.

Esses episódios encontram-se dispersos por livros, revistas e jornais; outros estão entregues apenas à tradição oral. «Sempre Pronto» *pretende reunir, nas suas páginas, à medida que dele for tomando conhecimento, esse valioso espólio da vida de B.-P., organizando, por assim dizer, uma antologia do bom humor do grande educador inglês.*

Dentro deste propósito, vamos publicar, conforme nos forem sendo confiadas, as peças que constituem o património humorístico powelliano. Para isso, convidamos os prezados leitores e amigos a fazerem chegar ao nosso poder os factos de que tiverem conhecimento, a fim de lhes darmos publicidade, o que faremos juntamente com a identificação da pessoa que nos honrar com essa gentil colaboração.

Eis, pois, uma amabilidade que «Sempre Pronto» *muito agradecerá como uma forma válida de cooperar ainda mais efectivamente com este jornal e de contribuir para uma boa demonstração do espírito de que o movimento deve estar impregnado.*

Como exemplo do que deixamos dito e do que pretendemos alcançar com esta iniciativa, narramos um saboroso episódio que é contado pelo próprio B.-P. num dos seus livros:

Eu tinha sido convidado para almoçar em casa de *sir* Squire Bancroft. Ao chegar à porta, encontrei aí uma senhora que eu conhecia, tocando a campainha.

Perguntei-lhe o que ia ela fazer lá. Disse-me que ia *«almoçar em casa dos Bancrofts».*

— *Oh! Então deixe-me entrar consigo e depois fará o favor de me apresentar a eles.*

Visivelmente embaraçada, a senhora respondeu-me:

— Mas como quer que eu faça uma coisa dessas? Compreenda que eu venho aqui sòmente para almoçar com eles!

Contudo, não dei importância aos seus protestos e, assim que abriram a porta, entrei com ela.

A senhora protestou, mas eu persisti. Subi as escadas atrás dela, embora me suplicasse que me fosse embora.

Entrou no salão absolutamente furiosa e eu sempre na peugada.

Todavia, não conseguiu suster a vontade de rir, quando, com alívio, viu que, depois daquilo tudo, eu também tinha sido convidado para almoçar.

O Escotismo na astronáutica

É do conhecimento geral que o pessoal astronauta é rigorosamente seleccionado de forma a assegurar um procedimento eficientíssimo nas viagens, não apenas do ponto de vista técnico e da robustez física, mas também na capacidade de deliberar e agir em face de circunstâncias imprevistas, domínio próprio, espírito de iniciativa, imaginação e tenacidade, qualidades estas que o Escotismo procura fomentar e desenvolver nos rapazes.

Não é, portanto, mera coincidência o facto de, nos Estados Unidos, entre os 65 astronautas até agora nomeados, 52 terem sido Escoteiros. Dos 57 astronautas vivos, 44 foram escoteiros. Entre estes, 29 obtiveram no Escotismo as mais altas categorias:

8 foram «Eagle Scouts» — Equivalente ao nosso «Escoteiro da Pátria»;

7 foram «Life Scouts» (*);

5 foram «Star Scouts» (*);

9 foram «Escoteiros de 1.ª Classe.

Aos voos Apolo estão ligados os seguintes antigos escoteiros:

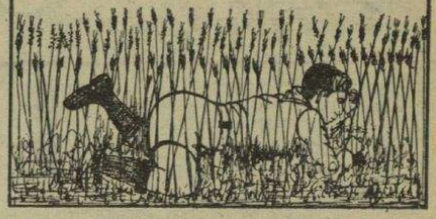
Apolo 7—Walter M. Schirra Jr. — Escoteiro de 1.ª classe;

Apolo 8 — Frank Borman; James A. Lovell Jr. — «Eagle Scout»; William A. Anders — «Life Scout».

Frank Borman visitou Lisboa no mês passado.

(*) Sem equivalência em Portugal

POSTO DE OBSERVAÇÃO



Encontro

Cláudio Tadeu de Sousa. Nós não o conhecíamos, nunca ouvíramos, mesmo, falar no seu nome. Em encontro casual, Justino da Silva apresenta-nos o seu correspondente brasileiro de há largos anos. Trata-se de um moço simpático de olhar calmo e ideais claros que em breves minutos nos dá uma clara ideia da sua bagagem escotista. Não quisemos perder a oportunidade de uma troca de impressões, colher elementos do que se faz e pensa noutras latitudes.

Jovem estudioso, adepto fervoroso e sincero do Escotismo, acaba de aceitar ligar-se profissionalmente ao Movimento, rejeitando outras colocações financeiramente mais vantajosas.

Conversar sobre escotismo com Cláudio Tadeu não é coisa difícil. Ele tem ideias próprias e sabe como enfrentar certos problemas. Emite a sua opinião com segurança, mesmo reconhecendo a dificuldade de encontrar certas soluções.

Seu recente curso nos Estados Unidos, deu-lhe uma visão clara do escotismo no mundo, dos seus problemas e das suas vitórias. Recente estadia em Inglaterra permitiu-lhe apreciar aspectos diversos da orientação do movimento na pátria do Fundador, onde as remodelações profundas verificadas carecem de uma base sólida que as torne sólidas e operantes, segundo pensa.

Pena foi que para nós a estadia do jovem dirigente brasileiro se resumisse a um só dia, ou pior ainda, a um escasso período de 3 horas que nem sequer nos permitiram pensar e orientar o caminho para a entrevista, talvez interessante para o leitor, sempre útil para o chefe escoteiro. Tal não foi possível posto que jogaram contra nós as contingências de uma estadia condicionada e incerta.

Não perdemos tudo do «bate-papo», pois algo nos ficou, ainda que em impressões ligeiras, daquilo que Cláudio Tadeu nos relatou do que se faz pelo mundo, do que se pratica no seu Brasil e do que vai no seu pensamento de jovem chefe, entusiasta e confiante na acção do Escotismo na formação da juventude.

Temos pena que os Serviços Centrais da A. E. P. não tivessem detectado com oportunidade a chegada de tão útil visitante e aproveitado com algum interesse e inteligência a sua estadia entre nós, num proveitoso e arejado contacto com os nossos chefes de grupo.

Como se tem já praticado em casos semelhantes, limitamo-nos a cumprimentar cortêsmente e a desejar sinceramente «BOA VIAGEM». Foi pena!

M. G.

FORMAÇÃO

Se você faz previsões para UM ANO:
— plante trigo.

Se você faz previsões para CINCO ANOS:
— plante uma árvore.

Se você faz previsões para MAIS DE CINCO ANOS: — forme UM HOMEM!

Filatelia

por MENDES MARQUES

CONVERSANDO

De entre as colecções temáticas, o tema «Escotismo» é, sem dúvida alguma, um dos mais coleccionados, a ponto de, no seio da Federação Internacional de Filatelia (F. I. P.) e em alguns países, se constituírem agrupamentos e clubes especializados. Acresce, a este fenómeno filatélico, a sugestiva realidade que são os largos milhões de jovens escoteiros que povoam a urbe terrestre. E como é na juventude que a «mania» da filatelia principia a manifestar-se, é lógico que para aqueles a temática escotista mereça a primazia.

Tenho a certeza de que a maior parte dos leitores do «Sempre Pronto» desconhece o entusiasmo que grassa em todo o mundo pelo coleccionamento de selos escotistas. Dos milhares de escoteiros portugueses, qual a percentagem que se dedica ao coleccionamento de selos e, entre estes, quais o que preferem o tema que fere a sensibilidade da sua condição de escoteiros? *A priori* parece-me que o panorama é algo desanimador. Será que os nossos escoteiros-filatelistas preferem o anonimato? Se assim é, o mal é duplo. Prestam um mau serviço à filatelia, pois a sua expansão e prestígio estão intimamente ligados à propaganda que lhe é feita através do melhor e mais seguro método — as exposições —, e, de igual modo, ao movimento escotista, dado que uma boa colecção de selos presente numa exposição é sinónimo de significativa e eficiente propaganda. Haverá quem duvide?

Pessoalmente, correspondo-me com filatelistas estrangeiros e encontro-me inscrito num clube da especialidade. Muitos dos conhecimentos adquiridos, aqui os tenho transmitido, dentro das possibilidades de que posso dispor. Mas será que os coleccionadores portugueses não terão nada a acrescentar, qualquer esclarecimento a pedir ou, melhor ainda, qualquer informação a dar?

No último jornal, foi referido, dentro duma linha de valorização, dar o devido relevo a esta secção. Lógico, já que, no Escotismo, a formação individual se deve processar num rumo de constante progresso. Mas como será possível, neste caso, se se continuar a verificar um monólogo que, pior ainda, ignora a quem se dirige, isto é, se a muitos se a poucos.

Vamos todos atentar neste assunto?

NOVIDADES

Nos últimos meses, foram postos em circulação os seguintes selos:

Egipto (R. A. U.) — Selo comemorativo do cinquentenário do escotismo local (1-11-968);

Togo — Vistosa série de 7 selos dedicados ao escotismo;

Anguilla — Para comemorar o cinquentenário das guias de Anguilla, foi emitida uma série de 4 valores;

Ilhas Cook — Comemorando o 5.º Jambori Neozelandês, que teve lugar em Christchurch, em Janeiro último, estas ilhas puseram em circulação, em 6 de Fevereiro, uma série de 6 valores;

Bermudas — Em 17 de Fevereiro, este país da América Central emitiu uma série de 4 selos, comemorativos do 50.º aniversário das escoteiras locais.

EXPOSIÇÕES

Por iniciativa do Núcleo Filatélico e Numismático do C. A. T. da EHESE, vai realizar-se, em Seia, de 8 a 11 de Junho de 1969, a Exposição Filatélica «SEIA 69». Haverá, entre os nossos leitores, algum filatelista natural ou residente naquele concelho e que queira concorrer? A Comissão Executiva da «SEIA 69» presta todos os esclarecimentos necessários.

Mendes Marques

NA ITALIA

Exposição Internacional de Filatelia Escotista

Vai realizar-se em Riccione, na Itália, de 30 de Maio a 10 de Junho próximos, uma exposição internacional de filatelia escoteira, que será instalada no Palácio de Turismo local.

A adesão a esta iniciativa tem de ser dada até ao próximo dia 20 de Abril, devendo o material para exposição dar entrada até às 24 horas do dia 20 de Maio de 1969, em Azienda di Soggiorno — 47 036 — Riccione (Itália).

Ao nosso amigo Sr. Justino Estêvão da Silva, secretário-geral adjunto dos Escoteiros de Portugal, foi dirigido convite para participar neste certame.

No local da exposição, funcionará um posto de correio com carimbo comemorativo.

XVI Poemeto filatélico

(Diante do mais belo selo evocador da Ilha da Madeira)

Licor da cepa famosa;
Mãos de fada em camponesa:
Não há verso, não há prosa
Que saiba como cantar
A que é das ilhas Princesa,
Trono, catedral, altar
Da fecunda natureza!

Eduardo Moreira

DE QUELUZ

Grupo n.º 23

Recebemos deste activo agrupamento escotista, um ofício em que nos envia saudações a propósito da passagem do seu 1.º aniversário, e agradecimentos pelo interesse e carinho que este jornal tem dedicado ao «23». A sua nova sede é na Rua Dr. Joaquim Eleutério Gaspar Gomes, n.º 64, em Queluz.

Nada têm que agradecer os nossos irmãos-escoteiros de Queluz. Fazemos votos é que sejam inúmeros os anos de **boa caça** desta novel unidade escotista.

Aproveitamos o ensejo para informar que foi aprovada superiormente a filiação deste Grupo.



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

O carácter

— a melhor armadura dos homens e das nações

Vivemos numa época em que as nações depositam toda a confiança na força dos exércitos e desenvolvem a todo o custo o potencial bélico, como meio mais seguro de sobrevivência.

Todavia, os acontecimentos da hora presente vêm evidenciando, com flagrante oportunidade, que a maior força de um povo reside no carácter dos cidadãos. As nações de maior nível educativo atingem um tão elevado potencial moral, que se tornam respeitadas, mesmo se as suas armas são débeis.

.....

Ao contrário, povos de carácter flácido, de baixo nível educativo, podem ter intacto o exército, mas estarem já penetrados por forças inimigas através da corrupção, da traição, do suborno. Tais países estão derrotados antes de militarmente vencidos e não será ousadia afirmar que a última guerra, e o após-guerra, são provas fiéis desse axioma.

Parece mesmo que os acontecimentos teimam em mostrar aos homens que só nas forças do Espírito se devem procurar os fundamentos de toda a vitalidade humana e dar razão a Baden-Powell quando diz — *o carácter é duma importância primordial para uma nação e para um indivíduo.* Não nos surpreenderá o apreço dado ao carácter se pensarmos que são atributos deste as mais salientes virtudes de um homem ou de um povo, traços que definem a personalidade. Segundo o Rev. Eduardo Moreira, entende-se por carácter *tudo que constrói, tudo que perdura, tudo que edifica e prolifica.* O carácter é a armadura moral de um povo e constitui a única força capaz de resistir a influências deletérias que tentam minar a unidade nacional.

.....

Por isso, e porque reconhecemos que o Escotismo é uma admirável obra de educação, tanto empenho fazemos na sua expansão. É que o Escotismo é uma força educativa de eficiência provada e reconhecida. Churchill afirmou, há precisamente um ano, que *o seu país necessita daquela integridade de carácter, daquela lealdade e daquelas muitas e variadas virtudes que o Escotismo ensina,* reconhecendo assim o valor do Movimento.

.....

Urge pois tudo fazer para que o Escotismo Nacional saia do marasmo em que novamente caiu e cumpra a missão que o país tem o direito de esperar dele. Aqueles que, por impossibilidade material, pelas suas muitas ocupações, por incapacidade, ou por falta daqueles atributos essenciais a um Escoteiro, ocupam posições de direcçao no Movimento e não cumprem — porque não podem ou não querem — os deveres do cargo, tenham a coragem de ceder os lugares, acomodar-se a situação mais de harmonia com as suas possibilidades, mas não impeçam com a sua inactividade que o Movimento seja em Portugal uma força viva ao serviço da Nação.

«SEMPRE PRONTO»

O Corpo Directivo do nosso jornal em reunião recente resolveu, neste 25.º ano de publicação, fazer um esforço especial para renovação dos seus quadros, procurando novos colaboradores entre a juventude, principalmente escoteira. De facto, para assegurar a continuidade de «Sempre Pronto», que tão boa audiência tem tido num grupo de dedicados assinantes, não se poderá confiar indefinidamente na presença daqueles que há tantos anos asseguram a colaboração. Há que procurar gente nova. Vamos por isso fazer um apelo a novos colaboradores.

A fim de orientar estas diligências foram encarregados os nossos colaboradores Luís Garcia Inácio e Armando Garcia Inácio. O primeiro, que estava adjunto à Administração, foi agora transferido para a Redacção, como secretário. É, portanto, um jovem que nos vai certamente prestar valioso serviço, coadjuvado por Armando Inácio, seu irmão e dedicado Escoteiro-Chefe.



O apelo da Fraternal

O apelo que a Fraternal fez através das colunas de «Sempre Pronto», pedindo a colaboração dos Antigos Escoteiros para obter uma máquina de escrever e cadeiras para a sua sede, teve já duas simpáticas e generosas respostas: o companheiro Joaquim de Sousa Piscarreta, de Lagos, oferece em princípio o valor de uma cadeira, estando pronto a alargar a sua ajuda. O companheiro António Pacheco da Silva, de S. Mamede de Infesta, enviou já um cheque de Esc. 500$00.

A Direcção da Fraternal está muito agradecida por tão prontas respostas.

Conselho Nacional da Fraternal

O sr. comodoro Daniel Duarte Silva dignou-se aceitar o convite que lhe foi dirigido pelo sr. presidente da Direcção da Fraternal, para fazer parte do Conselho Nacional.

Secção Filatélica

Da Secção Filatélica da Fraternal, recebemos um postal escotista com o selo e o carimbo do 1.º dia da emissão comemorativa do centenário de Pedro Álvares Cabral.

Agradecemos.



OUTRA VEZ O DILEMA
ESCOTEIRO OU ESCUTEIRO?

Luís Filipe dos Santos Gomes escreve-nos acerca da polémica com Lobo da Penha *sobre a palavra escoteiro, aqui inserta em Dezembro passado e diz a certa altura:*

Assim volta novamente a lume uma velha questão que eu pensava estar já arrumada. Enganei-me, pois isso não acontece. Este assunto é como tantos outros que já têm sido debatidos, tanto nas colunas de «Sempre Pronto» como nas da «Flor-de-Lis», a saber: «Calça ou Calção?», «Chapéu ou Boina?», etc., e que não traz nenhuns benefícios para o movimento escotista. Como todos sabemos, há muita gente ligada ao movimento que lê assiduamente estes dois órgãos de informação escotista e que ao ler estas polémicas nas suas colunas fica um pouco desiludida e até com uma certa má impressão sobre o movimento em Portugal. Isto, é claro, não acontece com aqueles que, como eu, estão ou estavam ligados por fortes laços ao movimento, pois já estamos habituados a estas pequenas disputas, a estes pequenos nadas que não interessam para o escotismo em si. O que interessa é praticar o Escotismo, a Lei e a Promessa. O que me interessa a mim, escoteiro, que os outros sejam *escuteiros?* Todos trabalham, ou pelo menos deviam trabalhar, para o mesmo fim: o engrandecimento de Portugal e do Movimento escotista. Fora disto nada mais interessa. Se eu, escoteiro, for pela rua fardado e encontrar um *escuteiro* também fardado, evidentemente que o cumprimentarei e não irei passar para o outro lado da rua, só porque eu sou escoteiro da A. E. P. e ele é escuta do C. N. E. Isso poderia ser tudo menos escotismo. Ambos pertencemos ao movimento escotista e ambos temos o sagrado dever de honrar e servir, seja qual for a designação que usemos, a cor do nosso lenço, a associação a que pertençamos ou o nosso credo religioso.

É triste, vermos que dentro do nosso movimento há pequenas guerras por pequenos nadas. Se os dirigentes andam em guerra por pequenos nadas, se os dirigentes andam em guerra por causa de *Escoteiro* ou *Escuteiro*, o que farão os rapazes? Devemos ter em conta que os rapazes não seguem o exemplo dos seus chefes. Tenhamos bem presente que o que interessa é praticarmos o escotismo, aquele escotismo que B.-P. se esforçou por nos deixar e ao qual consagrou toda a sua vida. Não queiramos destruir a obra que ele, com tanto carinho e acerto, criou. Lembremo-nos que as consequências das nossas discussões por estes pequenos nadas podem representar o princípio do fim.

Luís Filipe Gomes

N. da R. — *Luís Filipe Gomes exagera a apreciação que faz ao diálogo travado sobre a palavra «Escoteiro». Não há «guerra» nem menos amizade pelo facto de se ter opinião diferente acerca de um assunto de tão pouca importância. Pelo contrário, devemos cultivar o costume de discutir qualquer problema, com vivacidade e ao mesmo tempo com elegância. O facto de ter opinião diferente, não significa que se está em «guerra». Nem* Lobo da Penha *é pessoa para tal atitude, nem nós lhe manifestaríamos animosidade porque muito o respeitamos. Quanto ao resto, estão muito certas as considerações formuladas.*

O Polícia é o Chefe do seu Grupo!

Depois das demonstrações havidas em Londres, em Outubro do ano passado, e em face do comportamento exemplar da Polícia, o jornal «Evening News» convidou os leitores a expressarem opiniões acerca da sua *wonderful police.*

A carta vencedora — e que ganhou um prémio de 10 guinéus (cerca de 735$00) — foi enviada por um escoteiro de 14 anos de idade, John Petchey, do 1.º Grupo de Shenfield (Essex), que achou que devia aproveitar a oportunidade para prestar homenagem ao chefe do seu grupo, o guarda civil William Hinelley. E assim escreveu:

«Bill presta serviço em King's Cross, em Londres, a cerca de 40 milhas de distância da sede do grupo. Mas arranja maneira de estar presente em muitas das nossas reuniões gerais de sexta-feira, ainda que, para isso, seja forçado a regressar a toda a pressa para o cumprimento dos seus deveres profissionais.

«No sábado, levou-nos ao Festival de Natação e a seguir regressou a Londres, a fim de entrar em serviço especial por causa da realização da marcha de protesto contra a guerra no Vietname.

«Parte da sua licença do ano passado, reservou-a para nos levar a Somerset, onde fizemos o nosso acampamento anual.

«Estou certo de que ele é tão bom polícia como é chefe de escoteiros.

«Além do tempo que nos dedica, gasta uma boa soma de dinheiro durante o ano com as despesas de deslocação.»

O 25.º ANIVERSÁRIO DE «SEMPRE PRONTO»

Continuação da pág. 1

zado e que tão apreciadas têm sido pelos participantes.

Projecta-se uma visita a Vale de Lobos (Santarém), local do exílio voluntário de Alexandre Herculano, onde será feita uma evocação do íntegro historiador e escritor por um dos nossos companheiros, seguindo-se depois para Caldas da Rainha, onde será servido o almoço, com visita ao Museu Malhoa. Na viagem de regresso, a excursão demorar-se-á cerca de uma hora em Óbidos para se poder apreciar não só a típica vila mas também os seus monumentos.

ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO

As comemorações serão encerradas em Janeiro com um almoço de confraternização que será realizado num restaurante de Lisboa e em que participarão os membros e colaboradores do nosso jornal e a que se poderão associar todos os nossos leitores e amigos.

A FAMOSA HISTÓRIA DE UMA HISTÓRICA MÁQUINA DE ESCREVER

A viagem de uma máquina de escrever

desde as mãos de Fernando Pessoa até aos Escoteiros do Entroncamento

Num escritório do centro da capital, existiu e prestou relevante serviço, desde 1916 a 1941, uma máquina de escrever «*Ideal*», da melhor qualidade que havia naquela altura, onde aprendeu a dactilografar um jovem praticante de escritório que depois de haver feito parte dum dos grupos fundadores da AEP, no qual ingressou com pouco mais de 13 anos de idade e numa época das mais brilhantes do Movimento em Portugal, em que havia retórica, sim, mas principalmente acção, veio a tornar-se dirigente superior da Associação, nela tendo exercido vários cargos técnicos e administrativos.

No escritório, foi sendo promovido, tendo-se tornado no empregado de confiança do patrão, que o considerava como seu filho — assim o apresentou algumas vezes, pois se haviam identificado sobremaneira — e pràticamente seu sucessor numa das empresas que ele possuía e dirigia.

Na máquina, fez-se muita correspondência e outro expediente da Direcção da AEP, do Comissariado da Zona de Lisboa, do jornal «O ESCOTEIRO» e do SMU, muitas vezes executados por escoteiros que estavam cursando Comércio que acorriam ao escritório para ajudar nos trabalhos associativos, ao mesmo tempo que se utilizavam daquela máquina — a favorita — para desenvolverem os conhecimentos de dactilografia.

O poeta Fernando Pessoa, que prestava serviço no escritório como correspondente de línguas estrangeiras, tinha ali a sua própria máquina, uma excelente Remington de tipo comercial, mas como ela, apesar do seu bom estado de conservação, ia por vezes para fora do escritório, para reparar, por carência de fundos do poeta, este tinha de servir-se temporàriamente da máquina «*Ideal*». Fernando Pessoa, além dos trabalhos do escritório, ocupava-se de traduções de que o incumbiam e, no escritório, estava autorizado a receber os seus amigos e confrades.

Todos os que frequentavam o escritório — e nesse número se contavam comerciantes, industriais, médicos, engenheiros, arquitectos, africanistas, antiquários, políticos, diplomatas, oficiais do Exército e da Armada, um dos do Exército chegou a ser presidente do Conselho de Ministros, — todos conheciam e estimavam Fernando Pessoa, que era uma santa alma, mas ninguém poderia imaginar que ele viria a ser um poeta de tanto renome em Portugal e no estrangeiro, se bem que já fossem sendo conhecidas as suas poesias e que algumas, em inglês, haviam sido publicadas em Inglaterra. Todos contentes ficaram quando souberam que lhe havia sido atribuído o prémio pela apresentação da MENSAGEM e quão contente o viram quando se sentiu na posse da importância do prémio, quantia que, segundo disse, nunca tinha possuído.

É curioso notar que os frequentadores do escritório eram dos mais diversos matizes políticos, republicanos e monárquicos de vários partidos. Porém, o respeito e a tolerância que cada qual manifestava para com as ideias dos outros foram das lições que mais positiva e profundamente influíram no carácter do jovem praticante.

O escritório pertencia a um importante homem de negócios, pessoa que simpatizava imenso com o Movimento escotista, permitindo que ali se fizessem reuniões de dirigentes da AEP e tivesse mesmo sido o local de encontro (quartel-general lhe chamaram) de dirigentes e escoteiros de Lisboa e da província, quando o fundador veio a Lisboa, em 1929.

Alguns dos nossos estimados assinantes, que são hoje pessoas gradas da Nação e por aquele escritório passaram no tempo em que eram jovens escoteiros, sem dúvida se recordarão daquele perfeito gentleman, de ideias lavadas, que a todos bem recebia, sempre sorridente e espirituoso, tratando todos como camaradas. Tinha na verdade um espírito moço; havia sido educado no Colégio de S. Fiel, seguindo depois para a Alemanha, para continuar os estudos, donde regressou em 1916, por motivo da declaração de guerra Foi logo após o seu regresso da Alemanha que o nosso jovem escoteiro entrou para o seu serviço por solicitação de pessoa amiga.

Quando faleceu, recebeu a sua viúva uma sentido carta de pêsames do então Comissário Nacional da AEP Dr. Alfredo Tovar de Lemos na qual relembrava, com gratidão, os serviços prestados e as atenções dispensadas e manifestava a dor de todos por verem partir, tão prematuramente, — morreu com 47 anos de idade apenas — tão querido e prestimoso amigo e preclaro cidadão.

A máquina, desde há muito aposentada, mas conservada como relíquia, foi agora parar a um grupo de escoteiros por oferta da empresa de que o tal praticante de escritório, e agora antigo escoteiro, é hoje sócio-gerente e que, sabedor de que um grupo de escoteiros que se atrasava no envio das cópias das suas Ordens de Serviço atribuía ao facto de não possuir o Grupo uma máquina de escrever, a fez encaixotar e expedir, em grande velocidade, com destino ao chefe do dito grupo, o nosso apreciado amigo Aníbal Rodrigues Horta, chefe do grupo 84 e chefe também da estação do caminho de ferro do Entroncamento, que muito admirado deve ter ficado com o aparecimento do caixote, precisamente enviado na altura do Carnaval!

Os donos não quiseram aproveitar a oportunidade para se verem livres da máquina; não incomodava, como tantas vezes não incomodam, coitadas, pessoas velhas que tão bons serviços prestaram e que os outros depois consideram como estorvo, às vezes por terem ideias que afinal estavam actualizadas, ao contrário do que julgavam. Não, os donos da máquina quiseram apenas fazer uma «boa acção» e só a largaram, porque a vetusta e veneranda, e ainda útil, máquina de escrever ía ficar à guarda de um grupo de escoteiros E estes certamente hão-de estimá-la, mesmo quando já não venham a utilizá-la, por outro benfeitor lhes haver ofertado uma nova ou quase nova.

E então a relíquia poderá constituir a base de um museu de relíquias escotistas...

COMEMORAÇÕES DO DIA DO PENSAMENTO

Um culto especial na Igreja Presbiteriana da Ajuda

Por iniciativa do Grupo n.º 94, realizou-se no Domingo, dia 23, um culto para celebrar o Dia do Pensamento (ou da Meditação), que foi presidido pelo pastor da igreja, Rev. Vieira da Silva, sendo orador o nosso estimado colaborador, Rev. Eduardo Moreira, antigo dirigente dos Escoteiros de Portugal e membro da mesa do Conselho Nacional da Fraternal dos Antigos Escoteiros.

O templo encontrava-se repleto, estando presentes muitos escoteiros e lobitos dos Grupos n.ºs 8, da rua Febo Moniz; do Grupo n.º 19, da Pontinha, bem como do grupo promotor da cerimónia. Presentes ainda muitos antigos escoteiros.

Na homilia, o orador recordou o significado do Dia e, tomando por centro das considerações um diálogo de Jesus com um pai aflito que lhe pedia a cura de seu filho, dissertou sobre «Poder, Crer e Fazer», tendo dirigido aos Escoteiros palavras de estímulo e de orientação para a sua vida espiritual e social, que foram muito apreciadas pelos rapazes e pelo numeroso auditório.

No final, o chefe do grupo sr. Armando Garcia Inácio leu a mensagem de *Lady* Baden-Powell publicada neste jornal em Dezembro passado e, no intuito de responder ao apelo da Chefe Guia, apresentou para prestarem compromisso de honra dois novos escoteiros e dois novos lobitos. O chefe de tribo sr. Arsénio Famoso recebeu a Promessa dos novos escoteiros, tendo os lobitos prestado promessa mais tarde em cerimónia que especialmente lhes foi dedicada.

ANTIGOS ESCOTEIROS

Apesar de não ter sido anunciada qualquer reunião especial, espontâneamente reuniram-se no dia 23, no habitual restaurante da rua de S. Paulo, alguns antigos escoteiros, que informalmente confraternizaram.

Estiveram presentes os srs. Humberto Martins, presidente da Direcção da Fraternal, Albano da Silva, sua Esposa e seu filho Jorge; Luís Simões Aurélio e sua Esposa, António Xavier de Brito e sua Esposa, Eduardo Rolão e seu filho, Armando Garcia Inácio, Capitolino F. Macedo, sua Esposa e filho, Wolfgang Karl, Eduardo Ribeiro e Esposa.

3 PALAVRAS

e sua ordem de colocação

No fim do mês de Janeiro, quando se encontrava na capital do Norte em visita de trabalho, o sr. Ministro das Comunicações, ao responder a uma pergunta de um jornalista acerca do seu programa de acção governativa, disse-lhe que, em síntese, ele era o seguinte:

— Dinamizar.
— Descentralizar.
— Responsabilizar.

Todos sabemos que Baden-Powell desde sempre aconselhou os seus colaboradores (e, para ele, colaboradores eram todos os que planeavam, experimentavam, dirigiam, punham em acção, nela se integrando, desde o Comissário até ao Guia de patrulha) a fazer isso mesmo. As três palavras, porém, eram sempre colocadas pela seguinte ordem:

— Descentralizar.
— Responsabilizar.
— Dinamizar.

Nos grupos bem orientados, onde se joga o jogo do Escotismo segundo as suas regras, assim se fez, e se faz, com frutuosos resultados.

Pelos projectos e planos dos Serviços Centrais da AEP, mais pròpriamente da Chefia-Geral e Departamento de Formação e Treino, vê-se que se procura fazer compreender a todos os dirigentes a imperiosa necessidade de DESCENTRALIZAR, RESPONSABILIZAR, DINAMIZAR (perguntem ao Rapaz; deixem o Rapaz ter ideias!), mas, para que a máquina seja mantida em bom funcionamento e dê os resultados precisos, mister se torna que haja constante vigilância e se tenha a coragem de substituir qualquer peça que, por má ventura, 'cause ou possa vir a causar emperramento.

DE MOÇAMBIQUE

Durante as férias do Natal, o escotismo nesta parcela de Portugal viveu dias grandes, com apreciável número de actividades.

Eis alguns breves apontamentos sobre o que se fez nesse período:

EM MANICA E SOFALA

Grupo do Dondo

Os escoteiros do Grupo do Dondo, da A. E. P., anexo à Lusalite de Moçambique, realizaram nas matas desta região, na segunda semana de Janeiro, sob a direcção dos chefes Augusto Aleixo e Manuel Rodrigues, um acampamento de treino da técnica de campo. Esta actividade, muito proveitosa, decorreu bastante animada e os escoteiros revelaram bons conhecimentos na montagem de um acampamento.

Agrupamento de S. Jorge, da Beira

Os rapazes e raparigas deste agrupamento do C. N. E. deslocaram-se de comboio, no mesmo período, aos montes de Vumba, na região de Manica. A imprensa da província dá grande realce ao acontecimento, dado o moral demonstrado pelos escoteiros, apesar da chuva torrencial que devastou o local do acampamento e inundou as barracas, forçando-os a pernoitarem no armazém de uma serração próxima.

O contratempo não esmoreceu os escoteiros e as guias, tendo-se até observado a maior disciplina, pelo que puderam, mesmo assim, levar a efeito um interessante exercício: uma prova de montanhismo nocturna.

Dirigiram o acampamento o chefe Júlio Dinis e a guia-chefe Laura Maria de Andrade e Silva.

Agrupamento do Bairro de Macúti

Os escoteiros e as guias do grupo, sob a direcção do chefe Alfredo Rodrigues (filho), única «Insígnia de Madeira» da província, fizeram o seu acampamento de férias na magnífica região de Gondola, para onde se deslocaram de comboio.

Os jovens, alguns deles estreantes nestas andanças, mostraram-se radiantes com a forma como decorreu o acampamento e ainda com as belezas agrestes da natureza e com os maravilhosos dias passados longe do rebuliço da cidade.

Visita de escoteiros gregos

Visitaram a cidade da Beira, de 12 a 17 de Janeiro último, um grupo de escoteiros da Comunidade Helénica de Salisbúria (Rodésia).

Os escoteiros gregos foram alvo de diversas homenagens, tendo-se mostrado desvanecidos com as provas de hospitalidade com que os distinguiram. Um dos seus dirigentes declarou que procuraria que aquela jornada de escotismo se tornasse tradicional nos anos futuros.

REGIÃO DE NAMPULA

A presença de dois escutas do Agrupamento de S. Jorge, da Beira, Américo Petim e Silvestre, no cumprimento dos deveres militares, veio dar novo impulso ao escotismo, desta bela cidade, mercê do espírito de organização de que têm dado provas.

As actividades efectuadas tiveram o condão de despertar o interesse e a simpatia da população, que acolhe os escoteiros com o maior entusiasmo.

Bivaque na ilha de Moçambique

Por ocasião do V centenário do nascimento de Vasco da Gama, os escoteiros de Nampula realizaram, em 11 e 12 de Dezembro p. p., um bivaque na ilha de Moçambique. A viagem fez-se de autocarro. Pessoas de família dos escoteiros, acompanharam-nos de automóvel.

A população local recebeu da melhor forma os escoteiros. Foi prestada homenagem ao grande navegador português.

I Rali dos Escoteiros

No âmbito dos festejos da cidade de Nampula, os escoteiros organizaram, em 9 de Janeiro, um rali de carros alegóricos, que despertou enorme interesse na cidade.

Os carros, dos mais diversos modelos, foram construídos e pilotados pelos rapazes e raparigas, que vestiam trajos da época dos calhambeques.

A imprensa da província teceu os maiores elogios a esta curiosa iniciativa dos escoteiros de Nampula.

Uma entrevista de interesse

O «Diário de Moçambique» publicou, na sua edição de 22 de Janeiro último, uma entrevista com a comissária regional de Nampula das Guias de Portugal, Sr.ª D. Maria Judite da Fonseca Oliveira, que em breve fixará residência em Quelimane.

Entre outras declarações de interesse, esta dirigente, quando lhe perguntaram se pensava continuar em Quelimane a mesma actividade, deu a seguinte resposta:

— O meu filho já era escoteiro antes de eu entrar, e foi através dele que tive conhecimento da necessidade que havia duma colaboradora para o escotismo feminino, por iniciar. De acordo com o meu marido (que é antigo escoteiro), ofereci-me espontâneamente para começar com o guidismo em Nampula. A partir do momento em que fiz a minha promessa e me foi posta a insígnia das Guias de Portugal, onde quer que me encontre, faço parte da grande família mundial das guias. E como prometer é a mais alta afirmação da liberdade humana, em Quelimane, ou noutro qualquer lugar, estarei Alerta e Sempre Pronta para Servir.

M. R.

PARA PROMOVER A PAZ ATRAVÉS DO ESCOTISMO

Uma Exposição Escoteira na Florida

O Grupo n.º 202 da cidade de Orlando, na Florida, está a enviar mensagens aos Escoteiros de todas as nações solicitando a sua colaboração para uma actividade que tem em vista fortalecer os laços de fraternidade e promover a paz pelo Escotismo.

Aquele Grupo vai realizar naquela cidade uma exposição escoteira com material vindo de todo o mundo e solicita a todos os Escoteiros para que lhe enviem uniformes escoteiros, mesmo usados, insígnias, manuais escoteiros, miniaturas de estandartes, sugestões para actividades de ar livre, prontificando-se mesmo a pagar as despesas.

Os membros do referido Grupo desejam estabelecer intercâmbio epistolar com outros escoteiros de qualquer país, pedindo para que lhes escrevam para: «Troop 202 — 1124 Murdock BLVD. Orlando — Florida 32807, U. S. A.».

A MEMÓRIA, A HISTÓRIA, O TEMPO

Continuação da pág. 1

integral ainda não chegou, mas também a História é como a vida: contínua, em contínuo desejo de perfeição.

A verdadeira história duma nação não é a apologia exagerada que esconde defeitos e se excede em louvores, num desequilíbrio altamente nocivo. Os povos, como as pessoas, não devem ser adulados, pois daí só resulta prejuízo para o lisonjeado e demérito para o bajulador.

Já vos foi dito que a História da Humanidade se forma procurando a notícia dos factos para tentar revivê-los. É como se penetrássemos numa caverna onde por vezes os pés se atolam em lama nojosa mas onde, ao passear a vista ao redor, as estalactites e estalagmites nos encantam. O lodo é pó que em qualquer chuvada se aglutina e empapa; afinal o mesmo pó que, levado nas gotículas da água caídas das abóbadas, no decurso de milénios, se concretiza em formas de rara beleza. Por meio deste símile estou confessando que creio na bondade humana em potência, na *Imago Dei* anterior à doença que teològicamente se chama a perversão universal: bondade inicial sem a qual seria inútil toda a filosofia construtiva, toda a pedagogia progressiva, toda a homilética cristã.

Concluo de tudo isto que não é história autêntica a que evita o lodo infecto e alardeia as formações maravilhosas que o defrontam, conforme uma suposta conveniência, errôneamente visada; ou por uma conveniência oposta procede justamente ao contrário A agradável leitura que fiz, de Aragon e Maurois, trouxe-me até vós com estas poucas considerações oportunas, e queira Deus que úteis.

Serviço de Material e Uniformes

Recebemos o novo conjunto de canções de «*O Nosso Cancioneiro*», que continua as que inicialmente tinham sido publicadas.

Com este conjunto, ficam editadas as letras e as músicas de 16 canções escotistas, as quais se encontram à venda no S. M. U.

Agradecemos a oferta.

Eliseu Barreira Baptista

A gravura da nova secção deste jornal «*O Bom Humor de Baden-Powell*», que começamos a publicar neste número deve-se à amabilidade do distinto artista e nosso prezado amigo Sr. Eliseu Barreto Baptista, competente desenhador técnico e artístico e exímio iluminador.

Estamos muito gratos para com este nosso estimado colaborador.



O 21.º aniversário da Fraternal dos Antigos Escoteiros Britânica

A Fraternal dos Antigos Escoteiros da Grã-Bretanha completará 21 anos de existência no próximo dia 1 de Junho. Por esse motivo, realizar-se-á no sábado, dia 31 de Maio, na Abadia de Westminster, um serviço de acção de graças.

Serão apenas 2 000 os privilegiados que poderão assistir a esse histórico acontecimento, em virtude de a abadia não comportar senão aquele número de lugares sentados.

SUAZILÂNDIA

No programa das celebrações da independência da Suazilândia fez parte a realização de um acampamento nacional dos escoteiros daquele novo país africano, o qual foi visitado por Sua Majestade o rei Sobuza II e por numerosas individualidades de destaque da Suazilândia, país que Baden-Powell tão bem conhecia.

DO ENTRONCAMENTO

O Grupo n.º 84 dos Escoteiros de Portugal comemora em 1969 o 40.º aniversário da sua fundação

O Grupo do Entroncamento encontra-se uma vez mais em fase de muito progresso, graças à dedicação do seu Chefe, o Sr. Aníbal Rodrigues Horta, coadjuvado por alguns dos seus Caminheiros e pelo entusiasmo dos seus Escoteiros.

No Natal passado, o grupo promoveu uma festa de confraternização, que teve a presença do antigo escoteiro Sr. Eugénio Dias Poitout, presidente da Câmara Municipal, e do Sr. José Duarte Coelho, presidente dedicado do Grupo. Assistiram muitas famílias dos escoteiros e representações das unidades do C. N. E. de Tomar e Tancos. Nesta ocasião, prestaram promessa sete novos escoteiros.

O Grupo dispõe hoje de três patrulhas de escoteiros, uma equipa de caminheiros, um bando com dez lobitos, outro com dez avezinhas e três dirigentes, num efectivo total de 53 elementos.

Para comemorar o 40.º aniversário, o grupo vai promover uma série de actividades durante o ano, entre as quais se destacam um grande concurso, que está já a decorrer com todo o entusiasmo; um acampamento regional com a presença de grupos de diversos pontos do país; um almoço de confraternização entre antigos e actuais escoteiros do Entroncamento, e ainda a reorganização da sua Banda, que será apresentada por ocasião daquele acampamento, contando para isso com a melhor colaboração de diversos antigos escoteiros e antigos membros da Banda.

Tanto da parte dos Escoteiros e Dirigentes como do Presidente da Direcção se regista o maior entusiasmo por estas iniciativas.

C.

RESPONSABILIDADE

O incidente é contado pela revista espanhola «Mundo» de 20 de Janeiro. Aconteceu em Sevilha, numa mina de pirites, da empresa «Andaluza de Piritas, S. A.» e a história começou em meados de Novembro. Os mineiros que trabalhavam no poço «Realce 6 Sur», situado no município de Aznalcóllar, foram em determinada ocasião despertados por ruídos que lhes fez temer pela segurança do poço, pelo que abandonaram o trabalho, recusando-se no dia seguinte a voltar ao serviço. Ante esta situação, os chefes da empresa solicitaram a presença de técnicos da Direcção Provincial de Minas, para que dessem a sua opinião sobre a segurança do poço. Estes concluíram que não havia perigo, embora se ouvissem ruídos.

Apesar da opinião dos técnicos, os mineiros perseveraram na sua atitude, deixando porém bem esclarecido que não se tratava de motivos políticos ou de interesse operário.

O director da empresa e a Delegação Provincial de Trabalho resolveram então pedir a Madrid um novo informe mais amplo e mais concreto. A opinião destes técnicos foi igualmente tranquilizante. No entanto, os mineiros persistiram, o que levou a empresa a despedir três deles, que pareciam ser os que mais se destacavam nesta atitude.

No dia seguinte ao despedimento efectivo destes trabalhadores, terça-feira, dia 20, afundaram-se várias galerias do «Realce 6 Sur». E a revista «Mundo» comenta: *Pelo visto, a intuição e o conhecimento do terreno dos mineiros havia sido mais certeiro que o ditame dos técnicos.*

Em vista deste afundamento, que só não produziu vítimas por ser à noite, a empresa resolveu suspender a actividade das galerias afectadas enquanto se procedia a medidas de segurança. Os mineiros despedidos iniciaram então diligências para serem readmitidos.

Vinte dias mais tarde, em 10 de Dezembro, deu-se um mais espectacular acidente. Às dez da manhã, um novo afundamento afectou todas as galerias da mina e até os edifícios da administração se partiram em dois, deixando sem trabalho 215 mineiros. Não houve vítimas por a hora do acidente ser de descanso. Realizaram-se depois reuniões entre as autoridades do Trabalho e Sindicatos, representantes da Empresa e dos trabalhadores para estudar a situação em que ficaram os mineiros. E o «Mundo» termina: *Não se sabe se nestas negociações se incluíram os três mineiros despedidos por terem previsto o afundamento.*

O mundo precisa cada vez mais de homens responsáveis. Os mineiros de Aznalcóllar, principalmente os três despedidos, merecem homenagens por terem sido capazes de manter uma atitude que sabiam justa. Bem hajam!

CHAMAM-LHES BRINQUEDOS...

Sob esta epígrafe, publicou o excelente diário «*A Capital*» uma local em que se tecem algumas pertinentes considerações acerca das ruinosas consequências para a educação das crianças, trazidas pela utilização dos chamados *brinquedos de guerra.*

Já tem o nosso jornal, por mais de uma vez, levantado a sua débil voz, mas com a energia que lhe é possível, contra a permissão do fabrico desses detestáveis brinquedos. No entanto, até hoje, nenhuma medida sabemos que tenha sido tomada ou se pretenda tomar para encarar, com decisão, o problema.

É oportuno lembrar que, já em 1963, na famosa Feira de Nuremberga, entre mais de 250 000 brinquedos expostos, poucos eram aqueles que se deviam à inspiração militar.

Porque é que, entre nós, não se encara, com determinação uma campanha neste sentido? A prestimosa Liga Portuguesa de Profilaxia Social, a quem o País tanto deve por ter levado a cabo iniciativas de igual teor educativo e social, não poderia tornar esta questão numa das suas próximas actividades, dando ao estudo do problema uma expansão que esforços dispersos com certeza não poderão alcançar?

Aqui fica a sugestão e, com a devida vénia, transcrevemos a judiciosa local publicada em «*A Capital*»:

É alarmante o espectáculo que deparamos, cada vez com maior frequência, nas montras das casas comerciais de brinquedos. Como se não bastasse já a exposição ali de reproduções fidelíssimas das armas mais recentes e mortíferas, chega-se agora ao requinte de as decorar com cenas bélicas como aquela, no mais puro estilo naturalista, que víamos há tempos num desses estabelecimentos, situado no bairro elegante e civilizado do Areeiro: um grupo de bonecos-soldados primorosamente equipado em obediência aos mais actuais ensinamentos da «arte militar» atacava o inimigo, que só não era oculto porque, a um canto da montra, se via prostrada, sob a metralhadora atenta de um dos bonecos-soldados, uma boneca negra.

As crianças que por ali passavam ficavam naturalmente fascinadas. Compreende-se: os filmes e as séries «made in USA» em que os «écrans» da TV são férteis predispõem-se e moldam-nas para «aquilo». O processo é demasiado completo para que tenhamos a ingénua pretensão de nos opormos ao nível desta meia dúzia de linhas. Irresistivelmente, há quem queira a formação em série de guerreiros, ou bandidos, ou super-homens à imagem «nietszchiana». Limitamo-nos, pois, a denunciar o facto e a recordar o esforço que fizemos para conter as lágrimas, ao vermos o encanto das crianças perante a montra dessa casa de brinquedos...



Grupo n.º 6 — Olhão

No dia 29 de Janeiro, o Grupo n.º 6, de Olhão, realizou a sua habitual visita — durante a quadra festiva, Natal e Ano Bom — ao asilo dos Velhos e Inválidos da mesma vila.

Foi uma hora de convívio com os internados, que assistiram, alegremente, aos jogos e escutaram, interessados, as canções.

Um dos velhinhos, noutro tempo cantador de modinhas populares, também colaborou e um outro asilado, antigo artista de circo, não deixou de mostrar as suas habilidades.

No final, os escoteiros distribuíram doces às velhinhas e cigarros aos asilados, dispensando-se de fazer propaganda anti-tabagista...

C.

SEMPRE PRONTO

Número 287

Março de 1969

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

NA ROCHA DO CONSELHO

Sempre Pronto, atento ao entusiasmo com que os Escoteiros de Portugal olham presentemente a Divisão Lobito, vai promover uma série de entrevistas com alguns dirigentes deste ramo escotista.

Neste propósito, deslocámo-nos a Sintra e aí tivemos a oportunidade de contactar com a chefe Maria Teresa da Conceição Rodrigues, do prestigioso Grupo n.º 93.

Diplomada com o curso da Insígnia de Madeira, Maria Teresa é a primeira chefe dos Escoteiros de Portugal a possuir um adestramento profundo em Lobitismo.

Começámos, então, a nossa troca de impressões, com a primeira pergunta:

— Diga-nos, Maria Teresa, como encarou a ideia de um convite para dirigir os Lobitos do 93?

Depois de pensar um pouco, a nossa interlocutora respondeu-nos:

— O movimento escoteiro não me era inteiramente desconhecido, embora não tivesse contacto directo com ele. Um dia, perguntaram-me se queria dirigir uma Alcateia que se pensava formar. Foi uma proposta inesperada, já que nunca se me tinha posto essa hipótese. Pensei no assunto e...

— ... Aceitou, não é verdade? — concluímos.

— Sim, mas procurei, em primeiro lugar, elucidar-me, o melhor possível, sobre os métodos, técnicas, meios e fins do Lobitismo.

— Outra pergunta, Maria Teresa: como acha, do ponto de vista educacional, o Lobitismo?

Obtivemos um esclarecimento rápido e conciso:

— Muito bom.

E continuou:

— O método empregado é baseado numa curiosa história de animais da selva, e conduz, subtilmente, a criança para um fim educativo. Este, sem programas rígidos a cumprir, mas indo de encontro às aspirações e necessidades da criança, define a pouco e pouco o seu carácter e ajuda a construir a sua personalidade.

Deixámos a chefe respirar um pouco e prosseguimos:

— Vê, portanto, conveniência em fazer-se propaganda e alargar-se o ramo dos lobitos no movimento escoteiro?

— Com certeza! A ideia de B.-P., ao criar este ramo, foi ajudar os mais pequenos, a quem o Escotismo estava vedado por idade insuficiente, a alcançarem uma preparação para se tornarem óptimos escoteiros, ou seja, rapazes válidos.

Depois de uma breve pausa, atacámos um ponto de muito importância:

— Em sua opinião, que atributos especiais deverá ter um chefe de Alcateia para poder dirigir convenientemente este sector tão importante e delicado do Escotismo?

Maria Teresa sorriu. Pergunta delicada, hem?! Mas a resposta veio sem titubear:

— Um chefe de Alcateia deve, primeiro que tudo, gostar de crianças e saber lidar com elas ou, pelo menos, procurar saber. Não digo que precise de atributos especiais, mas deve procurar cultivar e enriquecer os seus dons naturais. Porém, uma coisa é fundamental: ter consciência da responsabilidade que lhe está confiada.

A entrevista estava pràticamente terminada, mas ainda quisemos saber a opinião da chefe Maria Teresa sobre os cursos da Insígnia de Madeira.

— É uma boa experiência — disse-nos. — A oportunidade que me foi dada para frequentar esse curso, foi-me bastante útil, não só pela possibilidade que tive de aprofundar e melhorar os meus conhecimentos de Lobitismo, mas também o de tomar um contacto mais directo com o Escotismo.

Obrigado, Maria Teresa, pelas suas declarações, que são muito esclarecedoras, e os nossos desejos de Bom Escotismo.

Armando Garcia Inácio

«Boletim do Escotismo Mundial»

A Secretaria Mundial do Escotismo iniciou, em Fevereiro passado, a publicação dum boletim mensal bilíngue (inglês e francês), o «Boletim do Escotismo Mundial». Trata-se de uma publicação que condensará nas suas páginas assuntos de interesse para o escotismo de todo o mundo, como seja a troca de notícias e ideias entre escoteiros, actualidades sobre o movimento, etc. Publicará ainda um suplemento. «Intercâmbio de Sugestões», que abordará, com desenvolvimento, um único problema susceptível de ajudar ou fornecer sugestões ao movimento noutros países.

O preço da assinatura é de 3 dólares norte-americanos (ou 5 dólares para fora da Europa, quando se queira se utilize o correio aéreo), por ano.

Há a intenção de conseguir assinantes entre os escoteiros de todos os níveis, pois o Boletim conterá assuntos que a todos interessam, inclusive aos adolescentes. A fim de facilitar a aquisição do Boletim, foram criadas assinaturas colectivas (vários exemplares remetidos para o mesmo endereço). São os seguintes os preços nesta modalidade: de 2 a 10 ex.: 2,25 dólares cada; de 11 a 50: 1,5 dólar cada; de 51 a 100: 1,2 dólar cada. Estão previstos preços mais baixos para quantidades maiores. A estes preços há a acrescer a franquia postal, quando se desejar o envio por correio aéreo.

As Associações estão autorizadas a reter 20 % do valor das assinaturas colectivas para cobrir as despesas com a organização dos serviços de assinantes e para o financiamento das assinaturas.

As assinaturas podem ser pedidas por intermédio da Associação nacional ou pagas por meio de cheque ou vale do correio à ordem do WORLD SCOUTING NEWSLETTER, *Boy Scouts World Bureau, Case Postale 280 — 1211 Geneva 11, Suiça.*

Os editores esperam sugestões dos leitores do Boletim com vista ao seu aperfeiçoamento.

Escotismo e Política

Não foi em vão que fizemos o apelo aos nossos leitores para nos ajudarem na despesa da separata deste tão útil artigo, publicado em editorial no último número, da brilhante pena do nosso colaborador Escoteiro-Chefe Professor António A. Dória. Registamos já as seguintes ofertas:

Redacção de «S. P.»	100$00
Grupo n.º 23 de Queluz . . .	100$00
Sr. Albano da Silva	20$00
Sr. Luís Simões Aurélio . .	20$00
A transportar . .	240$00

A todos os amigos que nos ajudarem nesta publicação enviaremos exemplares da separata no valor oferecido.

NOVOS ASSINANTES

Tivemos este mês o prazer de registar dois novos assinantes: O sr. Abel Carlos Vieira da Ponte, do Grupo n.º 93, de Sintra, e o sr. Álvaro Gonçalves Amado, de S. João da Madeira, proposto pelo nosso amigo e assinante sr. Mário Vieira Dias. Agradecemos.

ASSINANTES PATROCINADORES

Tiveram a gentileza de nos enviar a importância de sua assinatura de patrocínio os nossos estimados amigos Senhora D. Maria do Carmo Martins, António Francisco Xavier de Brito, ambos de Lisboa, e Daniel Freire, de Luanda, pelo que ficamos muito gratos.

O nosso dedicado colaborador de há tantos anos, sr. José Manuel Pereira, de Vila Real de Santo António, também fez o favor, que agradecemos, de nos enviar o valor de sua assinatura.

II CONCURSO DE FOTOGRAFIA PARA ESCOTEIROS

O Clã 6 do LXVII Agrupamento do C. N. E., do Bairro da Encarnação, em Lisboa, vai promover uma actividade cultural para que chamamos a atenção dos escoteiros e guias de Portugal: trata-se do II Concurso de Fotografia, que é organizado com o objectivo de dar às actividades escotistas e guidistas um sentido artístico.

Ao contrário do I Concurso, que foi reservado apenas aos escutas da Região de Lisboa do C. N. E., este II Concurso pretende a colaboração de todos os elementos não só do C. N. E., como da AEP e da Associação dos Guias de Portugal, quer do Continente, quer do Ultramar.

Dentro em breve, será publicado o Regulamento desta óptima iniciativa. Os interessados podem, desde já, dirigir-se aos organizadores, cujo endereço é: II Concurso de Fotografia — Clã 6 — Rua Capitão-Tenente Oliveira e Carmo, 6-2.º esq.º — LISBOA-6.

«DIARIO DO NORTE»

Deixou recentemente de coordenar a secção «ESCUTISMO» do «Diário do Norte», vespertino que se publica na capital do Norte, o nosso estimado amigo e irmão-escuta, sr. Fernando Neves da Rocha, que usa o conhecido pseudónimo de **Meiro Negro,** no desempenho de cujo cargo afirmou notáveis qualidades e elevado espírito escoteiro, tendo-se distinguido pelas suas desassombradas opiniões sobre o conceito de fraternidade no nosso movimento, que tendo provocado alguma celeuma mereceram também os mais rasgados aplausos de todos aqueles que alimentam os mais elevados ideais de B.-P.

Ano XXV — Lisboa, Setembro de 1969 — N.º 293

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com "O Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs.: Redacção 63 66 07 — Administração 63 88 49 • Comp. e imp.: Livraria Cruz - Braga

TRINTA ANOS MAIS TARDE

No primeiro dia do mês que estamos a viver, fez trinta anos que principiou essa horrível tragédia, a II Guerra Mundial, que ceifou 55 milhões de preciosas vidas humanas, produziu sofrimentos sem conta, angústias sem fim. Nem aqueles povos que ficaram à margem da luta conseguiram furtar-se às suas dolorosas consequências. A guerra destruiu, esmagou, arrasou muito e muito daquilo que o homem tinha erguido à força de engenho, de suor, de sofrimento. A efeméride foi assinalada pelos órgãos de informação, mas não nos parece ocioso voltar ao tema, porque, embora se tenha verificado unanimidade de opiniões na condenação dos factos que levaram ao conflito armado, parece que nem sempre se dá inteira conta do paralelismo da época presente com as situações que produziram aquele desastre.

A brutal invasão da Polónia pelos exércitos germânicos na madrugada daquele triste primeiro dia de Setembro não constituiu surpresa para ninguém. O mundo fora pacientemente preparado para aquela hora e há muito que os povos vinham assistindo à gestação da guerra. Repetiam-se actos de dura violência; surgiam guerras locais; a força arvorava-se constantemente em lei que regulava as relações entre países. Imperavam então ideologias que faziam caloroso elogio da guerra à sombra de falso patriotismo. Exaltava-se o heroísmo bélico em discursatas onde era feito apelo aos instintos primários do homem, enquanto as multidões ululavam em apoteose de caudilhos políticos. Os movimentos que preconizavam a paz, a concórdia, a fraternidade entre os homens, eram ridicularizados e combatidos como perniciosos. O Escotismo não escapou a esta intriga e foi encarniçadamente perseguido. Apontavam-no como *internacionalista* e consideravam perigosos e suspeitos os seus elevados ideais de amizade entre os jovens de todas as latitudes, de todos os credos, de todas as raças. Quando a guerra começou existia já nos espíritos, onde os sentimentos de ódio tinham sido subtilmente destilados pelos propagandistas do belicismo. Por isso, ao toque das trombetas, os exércitos puderam avançar para os objectivos que lhes foram determinados, marchando entre filas do povo que os aclamavam

Depressa os povos acordaram do delírio a que tinham sido levados. As realidades foram tão evidentes que as aclamações logo cessaram, enquanto os tribunos emudeciam. Vieram depois as promessas: a guerra seria banida da face da terra. Os povos viveriam em paz. Os homens teriam liberdade contra o medo, contra a fome.

Continua pág. 5

O «SEMPRE PRONTO» NO 25.º ANIVERSÁRIO

O CONCURSO DE DESENHOS



Teve bastante aceitação este concurso que «Sempre Pronto» dedicou aos seus amigos mais novos e particularmente aos lobitos.

Cerca de quarenta trabalhos foram recebidos na nossa Redação, procedentes dos Grupos n.os 8, 84, e 94 da AEP e 53 do CNE, bem como de concorrentes sem filiação escoteira.

Entre todos os grupos, destacou-se notàvelmente o Grupo 84, do Entroncamento, que aderiu em peso ao concurso, enviando-nos o maior número de desenhos.

Depararam-se-nos magníficos desenhos, pintados a aguarela, guacho, carvão, lápis-de-cor e pastel, bem como colagens. Entre os temas admitidos, sobressaiu, sem dúvida, Como vi um acampamento escotista, **no qual a imaginação infantil deu largas ao entusiasmo e onde admirámos trabalhos em que o pormenor não foi esquecido (como o de um caracol mirando uma barraca e o de um coelho, de pé, olhando gulosamente para uma cenoura vermelha, quase tão alta como ele).**

As ideias de movimento e perspectiva também estiveram presentes em muitos trabalhos, em contraste imediato com o sentido de proporções do espaço, proporções naturalmente exageradas pelas mentalidades infantis.

Encantou-nos o colorido de muitos trabalhos. O «impressionismo» de dois desenhos deu que fazer ao júri, concordando

Continua na pág. 5

Sebastião da Gama

e os escoteiros

Quando agora li Sebastião da Gama, poeta e prosador, e professor de excepção, a par do prazer de o sentir tão nosso, tão perto do nosso coração, senti funda pena de cedo o havermos perdido.

Quem no-lo apresenta, numa formosa e nítida colectânea, com o título bem expressivo de «O Segredo é Amar» («Edições Ática», Maio de 69) é a poetisa, novelista e pedagoga D. Matilde Rosa Araújo, portadora dum encanto raro conseguido na arte de trazer para a virilidade, hoje a todos necessária, uma perfeita feminilidade.

A mão suave e firme, e o olhar compreensivo e penetrante da prefaciadora e organizadora destes escritos díspares, contos, artigos, conferências, páginas de diário, dissertação de licenciatura, antecede tudo isso com uma bela lição sobre a obra e o obreiro, gisando-lhe o retrato — para ficar.

Artista bem seguro do seu vernáculo, sabendo como poucos ser jovem amigo entre jovens, como ele sabia ver, e dizer o que via! Com que alegria sã e *contagiosa* (no moral a saúde contagia), ele, o «pagão baptizado», português total, polvilhava magistralmente de humor discreto, do sal ático dos mestres, a narrativa, o comento, a descrição, a visão da serra, «fóssil, de uma onda» a rir-se do mar...

Trago-o para aqui, rapazes, quando em Bordéus ouve parte de uma missa «...eram seis e meia mas havia gente a ouvi-la: muitos rapazes principalmente, vestidos de escoteiros. Foi talvez aí que eu comecei a sentir sobre o peito a beleza e a grandeza do reino de Deus que não havia de deixar-me em França. As minhas mãos, instintivamente, apertavam-se numa oração. Eu prometia a Deus achar pequeno tudo que não fosse Ele. Eu sentia-me vencedor de tudo que fora secura, amargura, vileza...»

Não posso reproduzir tudo quanto se segue, tão belo e profundo e alto. Mas recomendo-vo-lo. Aquela ma-

Continua na pág. 2

Que se passa com a Comissão Técnico-Pedagógica do A. E. P.?



Foi geralmente bem aceite a decisão tomada em meados de 1966 pela Direcção da A. E. P. ao criar a Comissão Técnico-Pedagógica, para a qual foram escolhidos dois jovens dirigentes, dinâmicos e empreendedores, já com suficientes provas dadas para se poder avaliar da sua dedicação e capacidade.

Aguardámos sinceramente algo de bom do seu trabalho e esperámos confiadamente os resultados positivos da sua acção.

Assim foi durante algum tempo, pois alguns dirigentes manifestaram abertamente a sua satisfação pelos contactos estabelecidos com aquela Comissão, que procurava ajudar os grupos a resolver alguns dos seus problemas e identificava os dirigentes associativos com os mesmos, procurando soluções, propondo, actuando, resolvendo, etc.

Em Lisboa, no Porto, no Entroncamento, no Algarve, a C. T. P. estabeleceu algumas vezes o sempre necessário mas nem sempre possível contacto vivo com os Serviços Centrais.

Todavia, caiu repentinamente o silêncio sobre o trabalho daquela Comissão e há cerca de um ano que os seus dirigentes, se bem que continuem a ser vistos nos meios escotistas, parecem ter deixado de se ocupar dos assuntos que parecia lhes terem sido confiados. Quais as causas de tal atitude?

«Sempre Pronto» acha-se na obrigação de esclarecer os seus leitores do que na verdade se passa e, para isso, decidimos ouvir Mariano Garcia que, com José Eduardo Pena Ribeiro, constitui a C. T. P.

Dado tratar-se de alguém desta Casa não nos foi difícil obter a entrevista. Também nos dispensamos de apresentações e entramos directamente no assunto que nos preocupa esclarecer.

— Terá cessado a actividade da C. T. P? — perguntámos.

— Sim. Há já alguns meses que o Escoteiro Chefe Geral nos solicitou directamente para deixarmos de comparecer às reuniões que com ele realizávamos frequentemente, aguardando informações suas para o recomeço da nossa actividade. Continuamos a aguardar, embora tenha decorrido já quase um ano.

— Quais as razões?

— Não sei. Traçámos as bases para um plano de actividades para os próximos dois anos. Creio que foi necessário consultar sobre tal plano os chefes dos núcleos, dos grupos, das tribos, das alcateias, os guias de patrulha, etc. É possível que tais consultas ainda não tenham acabado.

— Mas esse silêncio poderá entender-se por um convite à demissão — sugerimos.

— Sempre mantivemos com o Sr. Chefe Geral e demais dirigentes associativos as melhores relações de convivência. Por meu lado, habituei já toda a gente a ouvir-me dizer exactamente aquilo que penso. Espero ser tratado com a mesma rectidão de processos. Uma coisa é certa: não serei eu a pedir a demissão, pois não quero que mais uma vez me acusem de não querer colaborar.

— Qual a tua opinião sobre a orientação actual da A. E. P.?

— Há largos anos que a actividade associativa não tem sido de molde a servir o progresso do Escotismo. No entanto, continuo sinceramente confiante no entusiasmo do actual Escoteiro Chefe Geral. Há anos, ouvi-lhe dizer que teria de confiar no trabalho dos seus colaboradores, pois nada percebia de escotismo. Teve já tempo para aprender muito e é altura de não deixar que as coisas corram a belo prazer de pessoas cuja validade de processos o tempo se encarregou já de rejeitar.

Respeito pessoalmente todos os dirigentes associativos e aprecio sinceramente a dedicação de alguns, mas acho que já é tempo de compreenderem que seguimos rumo demasiado errado, para insistirmos nos mesmos processos que falham há mais de uma dezena de anos.

— Que achas se poderia fazer pelo desenvolvimento do Escotismo em Portugal?

— Os tempos heróicos do escotismo em Portugal já pertencem ao passado. Vivemos uma época em que muitos acreditam ser possível um brilhante incremento do movimento escoteiro, que goza agora de uma maior propaganda e de uma simpatia mais generalizada. Lembremo-nos, porém, que os jovens não se educam só com sorrisos e bonitos discursos. Para se ensinar o Escotismo é preciso praticá-lo e para o praticar é necessário conhecê-lo. A impreparação da quase totalidade dos actuais chefes de grupos e tribos não dá garantias sólidas para um crescimento prestigiante do movimento. Um programa válido de formação dos futuros chefes terá de estar na base desse ressurgimento.

— Podemos continuar a contar com o teu interesse e a tua participação activa para um escotismo melhor no nosso País?

— Há vinte anos que procuro entender a orientação do movimento escotista entre nós. Durante todo esse tempo, milhares de jovens passaram pelo movimento sem terem sequer percebido o que é o próprio Escotismo. Isso em nada abona a todos nós escoteiros adultos.

Tive a felicidade de aprender a mensagem de B. P. e de observar o movimento como se pratica noutros países e sinto a obrigação de servi-lo, embora já comece a sentir-me desiludido ou, talvez, ultrapassado.

Há um caminho muito longo a percorrer. Este deve ser proporcionado aos jovens. Estarei com eles se me julgarem útil.

ARMANDO INÁCIO

Dos amigos de «Sempre Pronto»

DE LUTO — Em 10 do corrente, faleceu a Sr.ª D. Elvira Ricardina Macedo Alves de Azevedo, de 76 anos de idade, viúva do regente agrícola Sr. António Dionízio Alves de Azevedo, e pai do nosso dedicado assinante e antigo escoteiro Senhor Henrique Alves de Azevedo, a quem dirigimos os nossos sentidos pêsames.

★ Também em 11 do corrente, faleceu a Sr.ª D. Antonieta Berta Silva Baptista, de 80 anos de idade, viúva do Senhor Rev.º Joaquim Rosa Baptista, que foi presidente da Direcção do Grupo n.º 94, de Lisboa. A falecida era mãe do nosso estimado assinante Sr. Américo Silva Baptista, a quem apresentamos sentidas condolências.

Sebastião da Gama e os escoteiros

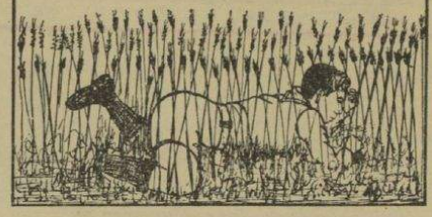
Continuação da pág. 1

drugada bordelesa poderá ainda ser fecunda para muitos madrugadores.

Um amigo prometeu-me a fotocópia dum soneto de S. G., creio que inédito. Quem sabe se voltarei, a pretexto de vos transmitir a dádiva, a falar dele?

Eduardo Moreira

POSTO DE OBSERVAÇÃO



Respeito

Uma das filarmónicas lá do meu sítio está em festa. Mais um aniversário na sua longa vida de não sei quantas dezenas de anos. O velho edifício que lhe serve de morada, profusamente iluminado, chama a atenção de quem passa para o momento de alegria que ali se vive. Olho a engalanada fachada principal, procurando relacioná-la com a alegre fanfarra que, manhã cedo, me acordara com os ritmados acordes de uma marcha militar. O quadro, porém, entristece-me pelo que me mostra de estupidez ou ignorância.

No único mastro existente, desfralda orgulhosamente o estandarte da colectividade, enquanto que nas varandas, *apenas como motivo decorativo*, entre outras, a Bandeira Nacional.

Não sei se é matéria que ainda faça parte do sobrecarregado programa do ensino primário nas nossas escolas. Eu aprendi, na escola modesta onde estudavam os meninos pobres da minha rua, o respeito que todo o cidadão deve à Bandeira Nacional, símbolo máximo da Pátria. Episódios maiores da nossa História, actos heróicos e gloriosos a que a Bandeira deu particular realce, eu escutei com admiração e respeito.

No Escotismo, aprendi a conhecer melhor a bandeira da Pátria, a traçar de cor o seu desenho, a explicar o significado de cada uma das suas linhas, a mexer-lhe com todo o respeito e a venerá-la na sua majestade.

Não posso, por isso, evitar uma certa perturbação quando a vejo motivo de decoração de uma montra, pano de uma janela, desprezada ou vilipendiada, como se fora farrapo sem importância.

Porque o mal é que esta falta de respeito não é exclusiva da charanga lá do meu bairro, antes parece dominar outros sectores de maiores responsabilidades. São edifícios públicos que a mantêm içada durante a noite, esquecendo o preceito de a guardar ao pôr do sol; são quartéis que a deixam tocar o chão, depois de arreada perante vistosa guarda de honra; são comerciantes que a utilizam para complemento decorativo das suas montras, de mistura com atrevidos «*baby dolls*» ou confortáveis ceroulas de flanela; são clubes que se servem dela como padrões e símbolo do seu partidarismo; são particulares que lhe dão o uso mais inconsciente e inverosímil.

Não há uma Lei ou regra que ensine a respeitar o mais alto símbolo da Nação?

Ou estarão errados os ensinamentos que ainda hoje os escoteiros transmitem fielmente aos mais jovens?

M. G.

Tomar consciência de que se é ignorante é ter dado um passo para a sabedoria.

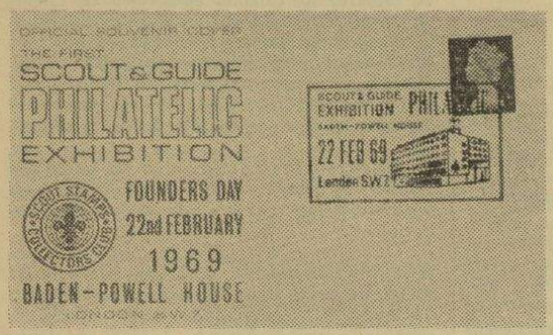
DISRAELI

Filatelia

por MENDES MARQUES

EXPOSIÇÕES

Na Inglaterra, pátria-mãe do movimento escotista, aproveitam-se todas as oportunidades para comemorar os eventos mais significativos que a ele respeitam.



Assim, este ano, o dia do Fundador — 22 de Fevereiro — foi comemorado com uma exposição filatélica que primou pela alta categoria do material exposto. Efectivamente, aos visitantes que demandaram a «Baden-Powell House», foi-lhes dado contemplar autênticas maravilhas do tema «Escotismo».

Foram 100 os quadros, correspondendo a 48 participações, tudo material seleccionado.

Das participações expostas e pelo que me é dado conhecer, eis as que feriram mais a minha atenção e que poderão constituir um indicativo para os leitores desta rubrica:

1-4 — Dinamarca (1924/67), de Georg Rasmussen;
5-7 — Suécia (1927/68), de Harald Thoursie;
12 e 29 — Sião 1920, de M. A. Bojanowicz e Frede Scherb;
13 — Índia «Rocket Post 1937», de M. A. Bojanowicz;
30 — Checoslováquia, de Fred Scherb;
38-41 — Hungria 1925 48 e Roménia 1931/36 de Fred Scherb;
56-57 — Checoslováquia (Posta Escotista 1918), de John Roake;
67 — Roménia e Polónia, de Walter Grob-Sigrist;
68 — Polónia — Varsóvia «Sewer Post», de Walter Grob-Sigrist.

Em «Baden-Powell House» funcionou um posto de correio para aposição do carimbo comemorativo da efeméride, que reproduzimos.

NOVIDADES

— As Filipinas, para comemorarem o 4.º Jambori Nacional, que teve lugar em Palyan, em Maio último, puseram em circulação os selos emitidos por ocasião dos 25 anos do escotismo feminino, devidamente sobrecarregados;

— A Guiana pôs em circulação, em 13 de Agosto, uma série de 4 valores para comemoração do 3.º Jambori das Caraíbas e 60.º aniversário do escotismo local.

VENDO OU TROCO

O mais diverso material do tema «Escotismo», como FDC, carimbos, blocos, selos, etc. Envio listas e à escolha. J. M. Mendes Marques — Seia.

UM CLUBE FILATÉLICO ESCOTISTA DO BENELUX

As oito associações escotistas dos países da Benelux (Bélgica, Holanda e Luxemburgo) criaram há cinco anos o Clube Escotista do Benelux dos Coleccionadores de Selos.

O 5.º aniversário foi agora celebrado com uma grande exposição realizada no Palácio do Congresso de Bruxelas.

O clube, cujo endereço é Dupontstraat, 24—Bruxelas (Bélgica), publica uma revista trimestral em francês e holandês, bem como um catálogo de selos escotistas e de guias.

XIX Poemeto filatélico

Diante do selo comemorativo do centenário da Imprensa Nacional, antiga Impressão Régia.

Uma lufada de ar fresco
traz o Marquês à Nação,
num meio fruste e grotesco,
fundando a Régia Impressão.

O trabalho alviçareiro
que o tempo valorizou
honrou a José Primeiro
que no Marquês confiou.

Eduardo Moreira

SONETO — 1.º Prémio dos I Jogos Florais Escotistas, organizados pelo Grupo n.º 7

«ACONTECEU POESIA»

Quando a gota de chuva cristalina
Deslizou docemente das alturas
E foi beijar a pétala mais fina,
Abandonando o reino das alvuras;

Quando o inconstante brilho do luar,
As lágrimas nos mostra, deslizando
E um coração saudoso a suspirar
Uma prece aos céus vai implorando;

Na rosada nudez duma criança
Que, sem temer o mundo, sempre avança
Ao encontro da mísera maldade,

Há sempre a poesia em incidência!...
'Té nas folhas que o vento na inclemência
Impiedoso arranca em crueldade...

Maria Liseta Tavares

22.ª Conferência Mundial de Escotismo

Em Helsínquia, cacapital da simpática Finlândia, reuniu, de 21 a 2 de Agosto passado, a 22.ª Conferência Mundial de Escotismo, o órgão legislativo do movimento escoteiro mundial, que conta 12 milhões de membros. Estiveram presentes cerca de 400 delegados, que representavam 70 dos 96 países membros. A Conferência reúne bienalmente, sendo a primeira que se realiza depois da reorganização do Movimento decidida em 1967 em Seattle, nos Estados Unidos.

Esta Conferência estudou principalmente o tema «Formação», tanto de chefes como dos rapazes, tendo sido apresentadas experiências feitas em diversos países e discutidas inovações introduzidas em várias associações.

Foram eleitos quatro novos membros do Conselho Mundial, que é constituído por doze.

Portugal esteve representado pelo Sr. Engenheiro José Maria Nobre Santos, chefe-geral adjunto dos Escoteiros de Portugal, que teve a gentileza de enviar, directamente de Helsínquia, uma saudação aos dirigentes e redactores de «Sempre Pronto».

Caminhemos com prudência

Por muito estranho que pareça, é necessário ao ser humano saber caminhar prudentemente. Como devemos estar de pé ou andar? O corpo humano não reage como uma ponta de um cano de seis pés sobre uma base de doze polegadas. É preciso apelar para uma multidão de músculos diferentes só para nos mantermos de pé. Para andar, é preciso mobilizar vários outros, que deverão funcionar juntos, numa sequência muito coordenada. Se cada músculo não desempenha o seu papel exacto no próprio momento, corre-se o risco de dar um salto brusco.

Para dar um passo, é preciso primeiramente inclinar-se levemente para a frente e depois estender o pé no momento próprio. Se o seu pé encontrar o menor entrave, tropeçará ou cairá. Se o chão estiver escorregadio, pode perder-se o equilíbrio, cambalear e cair.

Tentamos, portanto, ter sobrados seguros, desobstruídos, embora isto não seja tudo. Aquilo de que é preciso sobretudo lembrarmo-nos, é de ver onde caminhamos e aprender a andar prudentemente. A arte de bem caminhar adquire-se e podem evitar-se muitas quedas.

O importante é olhar sempre para a frente e levantar o pé bastante alto para transpor os obstáculos. Não é complicado, requer apenas um pouco de cuidado e de atenção.

Com a prática, acaba-se em pouco tempo por caminhar com cuidado. Com o tempo pode até aprender-se a evitar a queda quando se prende o pé num fio ou em qualquer outro objecto.

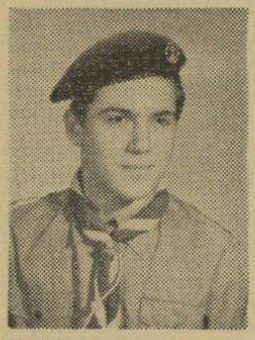
Se adquirirmos o hábito de andar prudentemente, evitaremos quedas no trabalho, em casa, na rua, por toda a parte onde andarmos.

Isto é mais importante ainda quando se trata de pessoas idosas, que caem mais vezes porque as suas reacções musculares são menos vivas e se tornam por isso menos seguras. Mas se tivermos o hábito de caminhar bem, quando chegarmos a velhos, evitaremos melhor as quedas.



PÁGINA DO ESCOTEIRO

INQUÉRITO AOS GUIAS



Nome: CARLOS ALBERTO LOPES LINIS.

Grupo n.º 23.

Classe escotista: 2.ª

Patrulha Lobo.

Estudante.

Idade: 17 anos.

Deslocámo-nos a Queluz, ao «23». Falámos com o Carlos Alberto, que é um guia crescido, de ideias firmes, prestes a deixar a Divisão Escoteira e a remar para os Caminheiros. As suas respostas são prontas e incisivas:

Pergunta: Há quanto tempo praticas escotismo?

Resposta: — Faz agora precisamente três anos.

P — E como guia de patrulha?

R — Um ano.

P. — Que fazes para que a tua patrulha seja boa?

R. — Crio jogos de patrulha para que os meus escoteiros sejam unidos e acamaradem. Realizo acampamentos onde ensino trabalhos técnicos de campo, a fim de criar espírito de competição.

P. — Os teus escoteiros estão interessados no trabalho da patrulha?

R. — Sim, estão, porque sabem que o trabalho que executam só poderá dar mais glória à patrulha.

P — Como encaras o movimento? Agrada ou não?

R O movimento agrada-me porque me ajuda a formar o carácter e me dá possibilidades de preparação para a vida.

P — Achas o método escoteiro válido para a actualidade ou será que se encontra antiquado no seu aspecto geral?

R — Em Portugal penso que se encontra antiquado.

P. Porquê?

R. — Porque há falta de cursos de chefes, especialmente na Divisão Lobito, o que obriga os chefes a exercer os cargos e a não darem oportunidade a que novos chefes sejam orientados e que tragam novas ideias ao movimento. Porque são insuficientes os cursos de guias e as actividades interpatrulhas ao nível associativo ou de Núcleos Porque, e este é outro aspecto da questão, há falta de apoio da parte das entidades competentes, a fim de que a evolução seja produtiva.

P. Que opinião formulas sobre a pessoa de B.-P?

R. — A perfeição dentro da perfeição.

P. Tens alguns planos, na tribo ou na patrulha, que gostarias fossem adoptados no escotismo?

R. Tenho Consegui que a minha patrulha atingisse a perfeição nos aspectos técnico e disciplinar. Organizar, em colaboração com os guias do meu grupo, um concurso interpatrulhas dentro do próprio grupo, visto que a Associação não organiza nenhum.

P. — Achas suficientes os cursos de guias que são ministrados pela Associação?

R. Não, porque só se organizaram três, o que para nós representa muito pouco.

P. — A tua patrulha assina ou lê o «Sempre Pronto»?

Achas que o jornal agrade? Porquê?

R. — A minha patrulha não assina, mas lê e sou eu o assinante. Quanto a mim, o jornal tem interesse relativo, só fugindo, por vezes, certos artigos à ética escotista Porém, não vos culpo, porque sei que os redactores não possuem dados suficientes para poderem desenvolver artigos ao nível dos grupos nacionais, por falta de actividade e colaboração destes.

Chegara ao fim a entrevista. Desejamos ao Carlos Alberto *boa caça* na senda escoteira.

Hoje melhor que ontem; amanhã melhor que hoje.

«GAMO LIGEIRO»

TÉCNICA DE OBSERVAÇÃO

Por GAMO LIGEIRO

AS AVES

Conclusão

Adaptado de «Espécies Europeias — As Aves», de L. Bertrand

O NINHO — A fim de manter à volta dos seus ovos uma temperatura elevada e constante, as aves são obrigadas a chocá-los. É provável que o instinto as leve a construir um ninho, a fim de tornar o choco mais cómodo e assegurar depois um abrigo protector aos recém-nascidos.

Existe uma notável diversidade na posição, tamanho, forma e estrutura dos ninhos. As aves de espécies semelhantes constroem os ninhos da mesma maneira e com os mesmos materiais. O ninho mais simples é constituído por uma cavidade natural: no côncavo duma árvore, debaixo duma pedra, no rebordo dum telhado, na fenda dum rochedo, etc., sem nenhuma preparação. Assim procedem os bufos, as poupas, etc. . .

Algumas aves apoderam-se do ninho do vizinho. É deste modo que o andorinhão toma o do estorninho, que o pardal adopta o da andorinha.

Os ninhos mais simples são constituídos por ramagens acumuladas sobre uma saliência de rocha, no garfo duma árvore, como o ninho da águia, da cegonha, do pombo bravo, da pega.

Os ninhos cavados na terra são para a cotovia ou para a cordoniz simples abrigos abertos na superfície do solo; enquanto o guarda-rios e o abelharuco perfuram compridas e estreitas galerias que levam a uma câmara, na qual põem

Continua na pág. 7

PIONEIRISMO

CONSTRUÇÃO DE UMA PASSARELA

Vamos hoje construir uma passarela para embelezar a entrada do teu campo de férias.

Precisas de quatro juncos fortes, de 2.30 metros de comprimento. afiados nas extremidades, para serem espetados no solo.

É necessário também dois suportes longitudinais de 3 metros, nove travessas de 0,80 metros, oito estacas de madeira e alguns metros de espia fina e grossa

Repara agora na gravura da passarela: verificas que o material acima descrito se encontra todo aplicado, sendo quase desnecessário as nossas palavras para deitares mãos à obra.

Nos cruzamentos das varas aplicas a conhecida ligação em cruz e assim obténs uma sólida amarração.

Para espiar a passarela, basta utilizares a volta aplicada na gravura 2 e a volta de arreto junto às estacas, tendo o cuidado de reforçares as estacas grandes, conforme o indicado na gravura 3, para que não se soltem no terreno quando se exerça pressão na passarela.

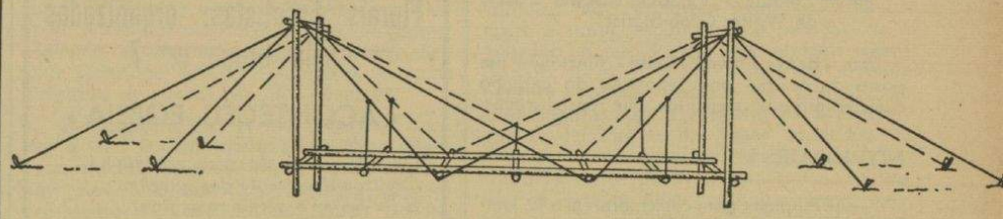
Parece-nos que a construção é bastante fácil de executar, mas não te esqueças de fazer a coisa como deve ser e sem pressas, para que o trabalho resulte perfeito.

Não te esqueças ainda, visto que a figura não o indica, de arranjares um estrado para servir de passadiço e que deve ficar sobreposto nas travessas da passarela.

A tua imaginação e gosto devem entrar em acção para os acabamentos do trabalho.

Um abraço e mãos à obra.

PATA DE LOBO



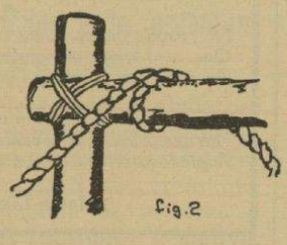


Fig. 2

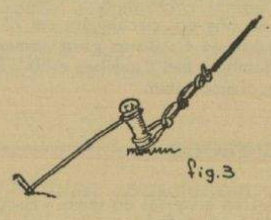


Fig. 3

O CONCURSO DE DESENHOS

Continuação da pág. 1

este que neles havia talento a desabrochar. O tempo o dirá e oxalá que sim.

Lamentamos não termos podido alargar aos meninos de 5 e 6 anos a participação no concurso, porque alguns trabalhos de muito mérito eram da autoria de crianças destas idades, pelo que não puderam ser classificados, visto o regulamento o não permitir.

A COMPOSIÇÃO DO JÚRI

O Júri que apreciou e classificou os trabalhos concorrentes, era composto pelos srs. Manuel Cabido e Rui Horácio Macedo, estudantes de Arquitectura e de Belas Artes, e Armando Inácio, redactor e delegado de «Sempre Pronto».

O Júri reuniu na sede da Fraternal dos Antigos Escoteiros, no dia 17 de Julho, p. p.

A CLASSIFICAÇÃO



Por deliberação do Júri, foram classificados em separado os dois temas, sendo, portanto, apurados os seis melhores trabalhos de cada um deles para efeitos da atribuição dos prémios.

Classificação do tema «Como vi um acampamento escotista»:

1.os (ex aequo) **João José da Costa Cruz Oliveira, 9 anos, Gr. 84; Maria Gabriela Costa Cruz Oliveira, 7 anos, Gr. 84; Mário Rui Aragão dos Santos, 11 anos, Gr. 94.**

4.º **Maria Angela D. Carvalho, 10 anos, Gr. 84.**

5.º **António Luís C. Fernandes, 11 anos, Gr. 53, CNE.**

6.os (ex aequo) **Carlos Alberto C. Fernandes, 9 anos, Gr. 53, CNE; Álvaro Garcia Sequeira, 10 anos, Gr. 94.**

8.os (ex aequo) **Teresa Maria F. R. Martins, 7 anos, Gr. 84; Isabel Maria S. Ribeiro, 7 anos, (particular).**

10.os (ex aequo) **Inês Maria C. Calado, 8 anos, Gr. 84; Olga Maria D. Carvalho, 11 anos, Gr. 84; João Carlos C. Fernandes, 7 anos, Gr. 53, CNE.**

13.º **Júlio Manuel Rodrigues Santos, 10 anos, Gr. 94.**

14.os (es aequo) **Luís Manuel Boavista, 9 anos, Gr. 84; António Manuel S. Galhano, 11 anos, Gr. 84.**

16.os (ex aequo) **José Carlos M. Abrantes, 8 anos, Gr. 8; Luís Filipe Afonso Campos, 8 anos, Gr. 94.**

18.os (ex aequo) **João António Gonçalves, 8 anos, Gr. 8; António José D. P. Toze, 9 anos, Gr. 84.**

20.os (ex aequo) **Rui Jorge B. L. M. Claudino, 9 anos, Gr. 84; Luís Filipe Afonso Campos, 8 anos, Gr. 94.**

Classificação do «tema livre»:

1.º **Manuel Dias da Silva, 11 anos, Gr. 94.**

2.os (ex aequo) **Mário Rui Aragão dos Santos, 11 anos, Gr. 94; Augusto Jorge C. Fernandes, 10 anos, Gr. 53, CNE.**

4.º **José Vítor Reis Carolino, 11 anos, Gr. 94.**

5.os (ex aequo) **Álvaro Garcia Sequeira, 10 anos, Gr. 94; Luís Filipe Afonso Campos, 8 anos, Gr. 94.**

7.º **Artur Norberto R. Cabral, 10 anos, Gr. 8.**

8.º **José Lúcio S. Gomes, 7 anos, Gr. 53, CNE.**

9.º **Isabel Maria S. Ribeiro, 7 anos, (particular).**

10.º **Gilberto H. Costa Ventura, 10 anos, Gr. 94.**

11.º **João Manuel Bento Marques, 11 anos, Gr. 94.**

12.º **Júlio Manuel Rodrigues Santos, 10 anos, Gr. 94.**

VOTOS DE LOUVOR

O Júri decidiu conceder votos de louvor aos seguintes meninos que, por idade insuficiente à face do Regulamento, não puderam ser admitidos no concurso, mas apresentaram trabalhos de merecimento:

Maria Inês Mendes, de 5 anos; Licínia Maria, de 5 anos; Ana Paula Castro e Costa, de 5 anos; Paula Mendes, de 6 anos e Isabel Maria Dias Fresco, de 5 anos, todas do Grupo 84 e Mário Alberto Guerreiro Milheiro, de 6 anos, do Grupo 94.

A PRIMEIRA EXPOSIÇÃO

Já se realizou uma exposição dos trabalhos concorrentes a este concurso, que esteve patente no Campo-Escola da Costa da Caparica, onde foi admirada por bom número de visitantes.

Tenciona este jornal levar a efeito outras exposições, cujos locais e datas serão oportunamente anunciados.

A. I.



PRÉMIOS DO CONCURSO

Tema — «Como vi um acampamento escotista». Volumes da Colecção «Quer Saber»:

João José da Costa Cruz Oliveira — Edison.

Maria Gabriela da Costa Cruz Oliveira — Florence Nightingale.

Mário Rui Aragão dos Santos — Albert Schweitzer.

Maria Angela D. Carvalho — Florence Nightingale.

António Luís C. Fernandes — História da Enfermagem.

Carlos Alberto C. Fernandes — Descobrimentos Henriquinos.

Álvaro Garcia Sequeira — A Conquista do Pólo Norte.

«Tema livre»

Manuel José Dias Silva — Descobrimentos Henriquinos.

Mário Rui Aragão dos Santos — História do Dinheiro.

Augusto Jorge C. Fernandes — A Viagem de Vasco da Gama.

José Vítor dos Reis Carolino — Albert Schweitzer.

Álvaro Garcia Sequeira — A Viagem de Vasco da Gama.

Luís Filipe Afonso Campos — Florence Nightingale.

TRINTA ANOS MAIS TARDE

Continuação da pág. 1

Afinal a luta não terminou. Veio a «guerra fria», que em alguns locais aqueceu ao rubro e provocou novos conflitos sangrentos. As fábricas produzem hoje tudo quanto possa matar, enquanto as armas circulam livremente e vão equipar todos os braços que estejam dispostos ao combate. Aqui e mais além escutam-se vozes que descobrem certas virtudes na guerra. Há mesmo zonas do mundo onde os povos se erguem entusiasmados a reclamar dos governos actos de beligerância, a pedir a guerra, a estimular violências. Há estadistas que ameaçam; forças armadas que «castigam»; exércitos que invadem; gera-se de novo clima de guerra.

A memória dos povos é infelizmente muito fraca. Parece ignorar-se que da guerra nada pode resultar de bom, de útil, de digno de aprovação. Qualquer pequeno conflito poderá ser o rastilho que incendeie o mundo, com todo o cortejo de infelicidades. É esta a situação do mundo em que vivemos. É certo que, por outro lado, assistimos constantemente a expressivas manifestações de protesto contra a guerra, mas parece que nem sempre esses protestos se erguem contra a Guerra em si própria, mas toma-se partido a favor de um dos contendores. Devemos condenar inexoràvelmente todos os agressores, os fomentadores de ódios, os que dão origem a conflitos, mas devemos fazê-lo de forma que se entenda bem que odiamos a Guerra em absoluto.

É lamentável que se apurem tantas similitudes entre a época que estamos vivendo e a década de trinta que acalentou ódios sem conta e gerou a guerra. Devemos estar prevenidos da situação e fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para evitar que o belicismo, o amor à guerra, se instale nos espíritos. Devemos rejeitar todas as sugestões de intolerância, todos os desejos de violência, todos os convites ao ódio, para que os fautores de guerras não possam encontrar clima favorável às suas vis maquinações. O Escotismo tem gloriosa missão a desempenhar nesta obra se os Chefes estiveram à altura das suas responsabilidades e atentos aos seus deveres. A nossa acção é semear sentimentos de boa vontade, de Amizade e de Generosidade na alma da juventude. Se ganharmos a mocidade para os ideais Escoteiros, a guerra nunca mais terá lugar no mundo.

E. R.

A criança, mais do que ninguém, tem necessidade de admirar a quem ama.

ILSE LOSA

O Pardal e o Carapau

(Fábula à maneira antiga)

Um carapau e um pardal
Viram-se (a história é boa)
Um pousado num beiral
E o outro vogando à toa.

Diz o pardal, azougado
Anotador do que ocorre:
«Olha um pardal mergulhado,
«Coitado! Porque não morre?»

E o carapau, que não chora
Mas não deixa de ter mágoa,
O outro «carapau» deplora
Porque vive fora de água...

Pensa o mundo, e pensa mal:
«Tudo é bom...», ou «tudo é mau..»
Porque nem tudo é pardal
E nem tudo é carapau.

O mentiroso duvida,
O ladrão sempre suspeita.
Cada qual encara a vida
Conforme ele a julga feita.

Eduardo Moreira

Estoril, Março 1969.

A caminho da Lua, os astronautas da «Apolo-11» saudaram os escoteiros reunidos no Jambori Nacional dos Estados Unidos da América

Embora tivessem muitas outras preocupações além da de pensarem no escotismo, os astronautas da «Apolo-11» não se esqueceram de enviar uma mensagem para o Jambori Nacional dos Escoteiros dos Estados Unidos, durante a viagem para a Lua. O posto dos escoteiros caminheiros n.º 324, de South Bend, no Indiana, que é mantido por uma estação de rádio e de TV, registou a mensagem às 8 h. e 15 m. TMG de 18 de Julho último (o comentador era Walter Cronkite, que tinha a seu lado, nos estúdios da Emissora de Colúmbia, o astronauta «Wally» Schirra).

Fala Neil Armstrong (do espaço): «Desejo dar os bons dias a todos os meus amigos escoteiros que participam no Jambori Nacional que se está realizando esta semana em Farragut State Park, no Idaho. *Apollo-11* envia-lhes os seus melhores votos». *Missão de «contrôle» em Houston:* «Obrigados, *Apolo-11*, estamos certos de que, se os escoteiros não vos escutaram agora, tomarão conhecimento da vossa mensagem através das informações. Apreciámos muito a vossa atitude». *W. Cronkite*: «Os melhores votos para o Jambori de Farragut Park». *W. Schirra*: «Sabe certamente que quase todos os astronautas foram escoteiros, não é verdade? A percentagem é muito elevada». *W. Cronkite*: «Você foi *Eagle Scout*, não é verdade, Wally» *W. Schirra*: «Não, eu não passei da 1.ª classe, mas meu filho é que é um *Eagle Scout*». *W. Cronkite*: «Eu *chumbei-o* numa prova».

O astronauta Neil Armstrong era *Eagle Scout* e «Buzz» Aldrin era um escoteiro de 2.ª classe.



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

A disciplina no escotismo

Disciplina!...

Eis o fantasma que muitos vêem, ameaçador, de azorrague na mão, pronto a restringir os naturais impulsos da juventude.

Erro crasso. Disciplina é, antes, cumprimento honroso dos deveres, das ordens ou instruções superiores. Respeito e compreensão dos subordinados.

No escotismo, a disciplina aceita-se ou impõe-se com dignidade e camaradagem.

Disciplinado só é o escoteiro que, cumprindo, não se torna subserviente, porque disciplina é obediência raciocinada, metódica e ordenada.

E, assim, no escotismo, onde todo o escoteiro, guia ou dirigente deve e tem de ser disciplinado e disciplinador, a disciplina exige-se sem prepotência, antes de forma compreensiva, com espontânea fraternidade, como orientação devida pelo irmão mais velho ao mais novo, no desejo de se auxiliarem mùtuamente.

Disciplina, que no escotismo é garantia de ordem, força e eficiência, deve, e há-de ser (...) uma das virtudes a cultivar por escoteiros e dirigentes.

L. Mendonça
«Pena Vermelha»

(Antigo escoteiro do Grupo n.º 1)

O BOM HUMOR DE **BADEN-POWELL**



Enquanto não publicamos o primeiro episódio ou anedota de B.-P. que um dos nossos amigos nos queira enviar, continuamos a transcrever acontecimentos narrados pelo Fundador que encontramos nos seus livros.

O episódio que hoje contamos, mostra bem as extraordinárias possibilidades de B.-P. para atrair o interesse das outras pessoas, a sua imaginação e a decisão com que ele enfrentava as dificuldades.

Oiçamos B.-P.:

Acabava de desembarcar em Malta, de volta de uma viagem à Sicília. Comprara ali, como curiosidade, uma daquelas grandes selas de latão com que os habitantes enfeitavam os cavalos e as mulas.

A sela era decorada com uma fila de botões de metal dispostos ao longo de uma ponta que se virava para a parte da frente e terminava com duas pequenas bandeiras de latão. Dos lados, viam-se outros botões maiores.

Um amigo, ao ver-me chegar com este estranho objecto, perguntou-me:

— Isso é um instrumento musical?

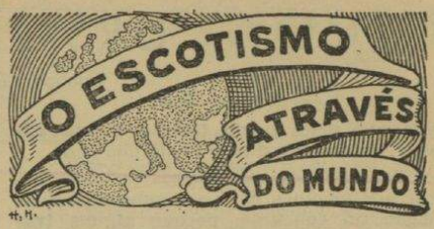
— Que queria você que fosse? — respondi-lhe.

Então, pediu-me, com o ar mais sério deste mundo, que eu fosse tocar num concerto que se realizava na semana seguinte.

Foi o que fiz. Combinei com a orquestra a execução de um nocturno de grande classe, que eu acompanharia, a solo, com o meu «selurafone».

Entretanto, dotei o meu instrumento duma correia para o suspender do pescoço e fixei um pente coberto de papel de seda junto à minha boca. Na altura do concerto, «cantei» através do pente com alta voz de falsete, fingindo que tocava o instrumento por meio de duas pequenas bandeiras, dedilhando as notas da melodia nos botões de frente e, fazendo rodar os grandes botões dos lados, fingia que dava os tons.

Nenhum espectador deu conta da peça que eu lhes pregara.



República Centro-Africana

Este país tornou-se, em 30 de Julho último, o 96.º membro da Conferência Mundial do Escotismo.

A organização escotista nacional — o Colégio Interfederal do Escotismo Centro-Africano, reúne cinco associações, três de escoteiros e duas de guias. Os efectivos elevam-se a 6 696 rapazes, dos quais 400 chefes seguiram cursos de formação no corrente ano. Os primeiros grupos datam de 1941 e a assembleia geral dos escoteiros reúne-se regularmente desde 1959.

O país alcançou a independência em 1960.

Os escoteiros centro-africanos têm já um passado bastante activo: participaram na realização de projectos rurais, na construção de escolas, de centros de alfabetização e de pontes.

O programa dos caminheiros compreende, entre outras coisas, a agricultura e a piscicultura.

Estados Unidos da América

Uma engenhosa maneira de aplicar o princípio escotista *ask the boy* (peça ao rapaz), inspirador do movimento nos nossos dias, foi experimentado pelos escoteiros dos Estados Unidos por ocasião do seu Jambori Nacional em que participaram 28 510 rapazes. Houve discussões, primeiro ao nível de patrulha, depois ao nível de grupo, acerca da maneira de aplicar o lema do Jambori «*Construir para servir*», uma vez regressados a suas casas. As ideias expressas foram discutidas durante 19 fogos de conselho, aonde um representante de cada subcampo trouxe as ideias do seu grupo ao *Forum* do Jambori.

Cada um dos 19 rapazes falava em nome de 1 700 escoteiros e caminheiros. Um conselho de gestão redigiu então uma «declaração de intenções» que compreendia as seguintes sugestões: falta de contacto entre as pessoas; abuso dos recursos naturais; enfraquecimento do respeito que os jovens devem a eles próprios em face do aumento do uso do tabaco e do álcool; falta de elevação na comunidade; criação de laços de amizade entre o escotismo e a comunidade, sobretudo nas regiões pouco desenvolvidas; a ideia que o público faz do escotismo.

Rodésia

Uma Boa Acção pouco convencional foi levada a efeito pelos escoteiros de Maxonalândia, que efectuaram uma busca num sector de 25 milhas quadradas, a fim de encontrar e retirar armadilhas para os animais selvagens. A colheita foi inesperada, pois os escoteiros conseguiram neutralizar 600 armadilhas. Uma excelente reportagem foi publicada nos jornais locais, onde é narrada ao público a história desta campanha.

ESCOTEIROS E NÃO ESCOTEIROS! FILATELISTAS E NÃO FILATELISLAS!

O apelo feito nestas colunas pedindo a remessa de selos postais usados à Associação dos Esctoeiros de Portugal — Cais do Sodré — Lisboa 2, continua a obter significativas respostas. Agora chegou de Luanda um bom lote de selos enviado pelo nosso amigo Sr. Eduardo Alves da Silva.

Como já foi dito, estes selos serão remetidos à Repartição Mundial de Escotismo com destino ao Fundo especialmente criado para ajudar o Escotismo de Extensão (cegos, deficientes motores, etc.).

Trata-se, portanto, de uma obra que merece a sua colaboração, caro Leitor!

DO ENTRONCAMENTO

Grupo N.º 84

Acampamento de Patrulhas

Nos dias 11, 12 e 13 de Julho passado, as patrulhas Águia e Leão promoveram um acampamento, que se realizou no Parque de Campismo da Vila. No dia 11 efectuou-se o fogo de conselho, que teve a presença de pessoas de família dos escoteiros e campistas acampados, alguns estrangeiros. O «fogo» decorreu com muita animação, tendo os escoteiros evidenciado as suas possibilidades artísticas.

No domingo, os lobitos e avezinhas visitaram o acampamento, tendo assistido às actividades realizadas. A Patrulha «Vasco da Gama» também participou no acampamento durante o fim de semana.

As actividades tiveram a colaboração do Chefe do Grupo e do Chefe da Tribo».

Excursão a Tomar

Dirigida pelo Subchefe do Grupo, no dia 27 realizou-se uma excursão ciclista à cidade de Tomar, tendo os participantes saído do Entroncamento cerca das 8 horas da manhã. A viagem de ida foi feita pela estrada da Atalaia e Asseiceira, e o regresso efectuou-se pelas povoações de Curvaceiras e Lamarosa.

Acampamento de Patrulhas

Em 2 de Agosto, a Patrulha «Vasco da Gama» acampou no sítio conhecido por «Bonito», excelente local para acampamento, onde existe boa água de nascente. Esta actividade, como as anteriores, estava integrada no concurso que está decorrendo no Grupo.

No dia 3, domingo, o acampamento foi visitado pelas novas Aquelás da Alcateia do Grupo, a quem o Chefe Horta deu explicações acerca das ornamentações e trabalhos montados no campo, a fim de familiarizar estas novas dirigentes com a vida escoteira.

No último dia, vieram levantar as suas tendas neste mesmo local as patrulhas Água, Galo e ainda a Leão, que chegou mais tarde. — *Correspondente Vítor.*

TÉCNICA DE OBSERVAÇÃO

Continuação da pág. 4

os ovos e criam os seus filhos. A galeria cavada pelo abelharuco pode ter dois metros de profundidade. O do *Pica-Pau verde* possui um orifício de 7 cm. de diâmetro e tem 38 cm. de profundidade. O interior está guarnecido com aparas de madeira. Coisa semelhante acontece com outras aves.

Os ninhos fabricados são construídos ao abrigo da chuva, em terra argilosa, reforçada com penugem e erva amassada com saliva. As andorinhas das chaminés e dos beirais constroem-nos assim. Uma andorinha tem de fazer 500 viagens para ver o seu ninho pronto numa semana.

Os ninhos tecidos são feitos de materiais de toda a natureza: pedacitos de erva, folhas secas, líquenes, musgo, pêlos, crinas, lã, fios de teias de aranha, etc... Os ninhos são habitualmente pequenos cestos adaptados ao tamanho da ave; esta, logo que acaba o interior do ninho, coloca-se no centro e ao trabalhar, gira sobre si própria, dando assim à concavidade a forma do seu corpo.

OS OVOS — Segundo a espécie de ave que os põe, os ovos variam de forma, de aspecto, de coloração e de número numa mesma postura.

Forma — Ovos quase redondos (aves de rapina);

— Ovos ovais ou elípticos (mergulhão, falcão, gaivota, papa-figos);

— Ovos levemente intumescidos na extremidade (é a forma clássica);

— Ovos muito intumescidos numa extremidade e pontiagudos na outra papagaio do mar e pavoncinos).

Aspecto — Ovos lisos e luzidios (pássaros e galináceos);

— Ovos lisos e mates (aves carniceiras e aves pernaltas);

— Ovos de aspecto engordurado (patos)

Coloração — muitos ovos de aves são brancos; outros, coloridos ou manchados Estas manchas são simples ponteados, ou em faixas ou marmoreados; por vezes estão agrupadas em calotas ou em coroa numa extremidade do ovo.

Número de ovos por postura — As aves do mar põem frequentemente um único ovo. A pomba põe 2. A garça real, 3 a 5; o chapim, 5 a 14; a perdiz, 10 a 16.

POSTURA E CRIAÇÃO DOS FILHOTES — Uma vez postos, os ovos são chocados, quer pela fêmea, quer, alternadamente, por ela e pelo macho. O tempo da incubação varia muito segundo as espécies.

Certos filhotes, desde a sua saída do ovo, estão aptos a deslocar-se e a alimentar-se por si próprios, como o pintainho doméstico. Outros nascem quase nus, fracos e cegos, e ficam durante um longo período totalmente dependentes dos pais. Os ninhos ocupados estão normalmente muito limpos. O excremento dos filhotes está envolvido dum muco que permite aos pais transportá-lo no bico para longe do ninho. O ninho da poupa é uma excepção à regra: está mal conservado e pulula de bicharia, de que a prole se alimenta.

Os pais que chocam ou alimentam os filhos podem abandonar o ninho se alguém mexer nos ovos ou se uma presença muito próxima os assusta. Pode proteger-se as posturas, aconselhando o respeito pelos ninhos e pelos ovos.

Para ti, irmão escoteiro

Por que será?

Por que será que a patrulha Pica-Pau, que últimamente fora a melhor dentro do Grupo, se está a arrastar para o desleixo? Não é justo, nem lógico, que uma patrulha, óptima como foi, se deixe passar à frente pelas outras.

Acaso a patrulha Pica-Pau não terá elementos capazes e experientes que a possam tornar a levantar, ela que, há tempos atrás deu que falar? Que os tem parece que sim, mas com vontade de trabalhar é que parece que não!

Ora, se a patrulha foi boa, por que motivo não continua a ser?

Se os seus escoteiros começarem a trabalhar, tudo irá pelo melhor e, em breve, estará novamente no primeiro lugar, se não... que vergonha para vocês!

Tenho notado que os escoteiros dessa patrulha, na maioria, são amigos íntimos na vida quotidiana, mas na sede e no campo, nas reuniões de patrulha e nas competições, surgem discórdias sobre esta ou aquela maneira de actuar e até quanto ao trabalho em conjunto. Isto é mau e só traz desvantagens à boa marcha da patrulha.

Discutam, sim, mas em discussão limpa, correcta e sincera, não apenas com espírito de contrariar, mas com o intuito de que nasça uma luz para cada assunto, para cada problema.

Ao trabalho, «Picas», que a vitória é de vocês!

«GAMO LIGEIRO»

CONHEÇA O SIGNIFICADO

«*AD VALOREM*» — Surge muitas vezes este termo a classificar direitos aduaneiros estabelecidos pela importação de mercadorias em PROPORÇÃO DO VALOR DESTAS. São fixados pelo Estado, mas as câmaras municipais podem também lançar impostos *ad valorem* sobre o peixe pescado ou vendido nos concelhos de sua administração.

ADUANEIRO — Palavra derivada de *aduana*, o mesmo que alfândega. *Aduaneiro*, portanto, é *adjectivo* que serve para qualificar o que diz respeito às alfândegas. Por exemplo: *direitos aduaneiros*, o mesmo que alfandegários, tributo que se paga pelas mercadorias que passam pelas alfândegas.

ÁGIO — Etimològicamente quer dizer *aumento*. É a diferença entre o valor nominal e o valor real de uma moeda. O *valor nominal* é aquele que está escrito na própria moeda. O *valor real* é o valor negociável, aquele que a moeda vale em confronto com o ouro ou a moeda padrão.

Ágio é também o *prémio* que se paga por uma operação de câmbio, bancária ou prestamista. É, portanto, o lucro na troca ou câmbio de moedas ou papéis de crédito por dinheiro.

Ágio do ouro é a diferença que resulta da maior-valia (aumento de valor) da moeda de ouro entre duas datas.

AGIOTAGEM — Esta palavra tem um sentido jurídico e um sentido pejorativo. Como actividade lícita é caracterizada pela cedência (empréstimo) de uma soma de dinheiro, mediante o pagamento de um ganho, que se designa por *juro*. Este juro está regulado por lei e o máximo permitido é de 8% nos contratos com garantia real (penhora ou hipoteca) e de 10% nos contratos sem garantia ou garantidos por simples fiança, estas taxas podem ser elevadas, em caso de mora, a mais 4%.

A actividade torna-se ilícita quando excede os limites legais. Foi a actividade ilícita que deu à palavra *agiotagem* o seu significado pejorativo. O *agiota* é o usurário, o que explora a necessidade, a miséria, levando juros proibidos.

SEMPRE PRONTO

Número 293

Setembro de 1969

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

12.° JAMBORI DO AR

Nos dias 18 e 19 de Outubro próximo, desde as 0 horas, TMG, de sábado até às 24 horas (TMG) de domingo, estará no ar o 12.° Jambori, um laço mais para fortalecer a fraternidade entre os Escoteiros do Mundo. Todos os Grupos devem diligenciar participar nesta simpática actividade, solicitando a colaboração dos Rádio-Amadores, que solìcitamente têm oferecido os seus serviços aos Escoteiros. O Organizador Nacional do 12.° Jambori do Ar distribuiu já por todas as unidades informações muito completas sobre o acontecimento. Basta seguir a orientação traçada. Os Escoteiros, portanto, estarão à escuta em 18 e 19 de Outubro próximo.

O SIGNIFICADO DA SAUDAÇÃO ESCOTEIRA

Os três dedos estendidos representam os três artigos da Promessa Escotista:

1 — Amar e servir fielmente a Deus e a Pátria;

2 — Auxiliar o próximo em todas as circunstâncias;

3 — Obedecer à Lei do Escoteiro.

O dedo polegar (forte) sobre o mínimo (fraco), lembra ao escoteiro que o mais forte auxilia o mais fraco.

A união estabelecida pelos dois referidos dedos significa ainda a fraternidade escoteira.

A SAUDAÇÃO ESCOTEIRA DO PROFESSOR MARCELO CAETANO



Foi assim, com entusiasmo, que o Sr. Professor Marcelo Caetano, Presidente do Conselho de Ministros do Governo Português, saudou os escoteiros brasileiros reunidos em Belo Horizonte.

Foto do diário «Estado de Minas» — Belo Horizonte